

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE LETRAS**

SARAH COUTO VASCONCELOS ESPIGARES

LITERATURA E PANDEMIA:

Uma análise do tema do sofrimento presente nos sermões contemporâneos de Yago
Martins

São Paulo
2022

SARAH COUTO VASCONCELOS ESPIGARES

LITERATURA E PANDEMIA:

Uma análise do tema do sofrimento presente nos sermões contemporâneos de Yago
Martins

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, apresentado ao
Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito para a obtenção do grau de
Bacharelado-Licenciatura em Letras – Português/ Inglês.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar

São Paulo
2022

SARAH COUTO VASCONCELOS ESPIGARES

LITERATURA E PANDEMIA:

Uma análise do tema do sofrimento presente nos sermões contemporâneos de Yago
Martins

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, apresentado ao
Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana
Mackenzie, como requisito para a obtenção do grau de
Bacharelado-Licenciatura em Letras – Português/ Inglês.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Trevisan
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof^a. Dr^a. Cristine Fickelscherer de Mattos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao meu eterno Pai, o qual me concedeu não somente a oportunidade de estudar em uma instituição honrada como também a capacidade e o momento oportuno, apesar da situação calamitosa da pandemia, para compreender um pouco mais sobre a questão do sofrimento, à luz de Sua Palavra, por meio da produção deste trabalho.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e aos meus queridos professores, os quais forneceram o preparo necessário para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional durante estes quatro últimos anos e para a elaboração desta pesquisa final, por meio de um ensino excelente e de ferramentas fundamentais para o meu aprendizado.

Ao meu orientador e professor, Cristhiano, por todas aulas cativantes, todo o ensino de literatura e de vida e todo o acompanhamento, compreensão e paciência ao aceitar trabalhar este tema de pesquisa junto comigo e me direcionar sempre que necessário.

À minha família primordial, primeiramente, aos meus pais, Ana e Daniel, por proporcionarem, desde o início, tanto o temor ao Senhor quanto todo um universo de aprendizagem e educação, sejam acadêmicos ou de vida, para que eu me tornasse quem sou hoje, além de me apoiarem e orarem sempre por mim. E também aos meus irmãos mais novos, Samuel e Nathan, por torcerem por mim, por me inspirarem, estarem presentes quando eu mais precisava e me ensinarem a como ser uma irmã mais velha melhor.

Ao meu marido, Fábio, por me amar com um amor imensurável e sacrificial, tendo sido o meu parceiro em todas as situações, desde o meu ingresso no curso de Letras, ao qual ele me incentivou com afinco, até a finalização desta pesquisa, proporcionando o ambiente imprescindível para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal e perseverando, junto a mim, em oração e fé.

À minha mais nova família, meus sogros, Claudia e Marcio, e minha cunhada Beatriz, por permanecerem em oração e na torcida a todo o momento, preocupando-se e cuidando de mim como parte da família.

Aos meus amigos mais próximos da faculdade, Déborah, Matheus, Rafaella e Sofia, por compartilharem as experiências, as aventuras e os desafios da vida universitária comigo, abraçando-me por quem eu sou e formando memórias inesquecíveis, tornando-se amigos para toda a vida.

À minha igreja, minha família na fé, por toda oração, preocupação e compreensão.

Ao pastor Yago Martins, inspirado por Deus, por ter elaborado tão rica obra, a qual se tornou objeto da minha pesquisa, acerca do sofrimento à luz das Escrituras.

A todos os familiares, amigos e conhecidos que estiveram comigo nesta trajetória.

Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. (Apocalipse 21. 3-5a).

RESUMO

Esta monografia se propõe a analisar a abordagem do tema do sofrimento em dois sermões contemporâneos presentes na obra *Sermões da Pandemia: encontrando esperança em dias de caos*, do autor e pastor Yago Martins (2020), levando em consideração tanto o contexto da pandemia, causada pelo coronavírus, quanto a conceituação da estrutura do sermão e dos recursos da metáfora e da intertextualidade. Para isso, fundamenta-se, principalmente, na pesquisa do professor James Hoppin (1883) a respeito do sermão, de José Luiz Fiorin (2014) e Rosilene Francisco (2015) em relação à conceituação da metáfora, assim como de Ziva Ben-Porat (1992) na conceituação do símile, e de Emanuel Cardoso-Silva (2006) em relação à conceituação da intertextualidade, além de discutir o tema do sofrimento por meio de diferentes autores de variadas áreas e épocas. Para a análise, é feita a associação entre o tema do sofrimento e os recursos da linguagem propostos, explicados por meio da apresentação de trechos dos dois sermões. Por fim, procura compreender como o sofrimento é abordado, de forma geral e específica, das consequências da pandemia, dentro dos dois sermões contemporâneos por meio da observação da metáfora e da intertextualidade presentes.

Palavras-chave: Literatura e pandemia. Análise de sermões. Sermões da pandemia. Tema do sofrimento. Metáfora e símile. Intertextualidade.

ABSTRACT

This monograph proposes the analysis of the approach to the theme of suffering in two contemporary sermons present in the work *Sermões da Pandemia: encontrando esperança em dias de caos*, by the author and preacher Yago Martins (2020), taking into consideration both the context of the pandemic, caused by the coronavirus, and the conception of the sermon structure and the resources of metaphor, simile, and intertextuality. For this purpose, it is primarily founded on the research of Professor James Hoppin (1883) concerning the sermon, on José Luiz Fiorin (2014) and Rosilene Francisco (2015) in relation to the metaphor conceptualization, as well as on Ziva Ben-Porat (1992) concerning the simile concept, and on Emanuel Cardoso-Silva (2006) concerning the intertextuality conceit, besides discussing the theme of suffering through different authors from various areas and times. For this analysis, the association between the theme of suffering and the proposed language resources is established, which are explained through the presentation of excerpts from the two sermons. Finally, it aims to comprehend how suffering is approached, in a general and specific way, from the consequences of the pandemic, within the two contemporary sermons by observing metaphor, simile, and intertextuality which are present.

Keywords: Literature and pandemic. Sermon analysis. Pandemic sermons. Theme of suffering. Metaphor and simile. Intertextuality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONCEITOS GERAIS	13
2.1	O SERMÃO	13
2.2	A METÁFORA E O SÍMILE	17
2.3	A INTERTEXTUALIDADE	19
3	ANÁLISE DO SOFRIMENTO NOS SERMÕES	21
3.1	O TEMA DO SOFRIMENTO.....	21
3.2	APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO LIVRO	23
3.3	ANÁLISE ESTRUTURAL.....	24
3.4	ANÁLISE DA METÁFORA E DO SÍMILE	29
3.4.1	Em “Cinco Passos na Estrada da Dor”	29
3.4.2	Em “O Espetáculo do Sofrimento”	35
3.5	ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE	39
3.5.1	Intertextualidade com textos bíblicos	40
3.5.2	Intertextualidade com elementos contextuais	43
3.5.3	Intertextualidade com outros sermões	44
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE	52
	ANEXOS	61

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar a literatura, por meio da visão aristotélica, como arte mimética, entende-se o ato criativo não só como representação da realidade, mas também como a transformação dela por meio de novos critérios da verossimilhança (CEIA, 2010).

Nesse sentido, os contextos social e histórico podem influenciar na prática da produção literária de um determinado período. Os juízos de valor e as crenças presentes em determinada sociedade, os acontecimentos mais relevantes e, principalmente, os momentos mais conturbados da humanidade, como as catástrofes, são refletidos por meio da literatura. O ato de narrar tragédias testemunhadas torna-se, portanto, um exercício elementar e fundamental para a humanidade (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66-67).

Igualmente, levando em consideração que os gêneros literários são instituições sócio-históricas, que a sua existência revela uma determinada sociedade e que servem de ligação de um indivíduo, ou de um grupo, a uma narrativa ou discurso, não muito diferente, o sermão também constitui um gênero literário: o homilético (MOURÃO, 2010, p. 79-81).

Derivado do termo *homilia*, a homilética compõe tanto o ramo da ciência que “se preocupa com a proclamação da palavra de Deus” quanto uma espécie de arte, a arte da pregação, na qual a imaginação do pastor dá vida à pregação (SAMUELSSON, 2008, p. 15-18). Nesse sentido, o gênero homilético é composto por um tipo de texto específico, denominado sermão, que “documenta a expressão do pensamento reflexivo [...] do pastor” (SAMUELSSON, 2008, p. 56) e possui características muito peculiares que o definem (SAMUELSSON, 2008, p. 61).

Apesar da complexidade em se estabelecer um conceito único para o gênero do sermão, destaca-se a concepção que o define como uma reinterpretação de um texto-base existente em determinada comunidade, constituindo uma fonte rica de informações sobre o contexto em que são pregados (ALMEIDA, 2013, p. 11).

Por outro lado, não somente levando em consideração o autor e o texto, é perceptível que o sermão também causa um efeito naquele que o recebe. Como bem apresenta Mourão (2010, p. 81),

falamos para dizer ao outro que o escutamos: “falo-te, escuto-te, tu existes para mim, eu quero existir para ti”. A linguagem pressupõe um interlocutor. [...] A presença do outro, essencial na linguagem, não é representação, nem imagem, mas contacto, intercorporeidade.

Nesse sentido, o gênero sermônico também pode ser visto como um diálogo entre o pregador e seu público, já que a finalidade de sua mensagem objetiva mover o ouvinte, ou leitor, a uma determinada ação ao mesmo tempo em que ele próprio já tende a buscar o fortalecimento de suas próprias posições e convicções (SAMUELSSON, 2008, p. 23-24).

Ainda, embora o sermão seja, tradicionalmente, marcado pela oralidade, a transformação do discurso da pregação em texto escrito se faz igualmente possível (ALMEIDA, 2013, p. 11), assim como proporciona ao leitor uma análise mais aprofundada do texto, já que possibilita a observação de outros aspectos, como “as divisões, o arranjo sintático do texto e como são feitas as ligações de um tópico para outro”, bem como o desenvolvimento argumentativo do texto (SAMUELSSON, 2008, p. 36).

Desta maneira, tendo em vista que o sermão pode ser considerado como uma forma literária e escrita de testemunho da dor e do sofrimento da humanidade em contextos específicos, levando, igualmente, em consideração efeitos que causa no leitor, o presente trabalho propõe uma análise, sobre a questão do sofrimento, de dois sermões contemporâneos presentes na obra *Sermões da Pandemia: encontrando esperança em dias de caos*, do autor e pastor Yago Martins (2020).

Para isso, ainda se faz necessário entender o contexto histórico-social percebido no ano de 2020 e, principalmente, a questão da disseminação da doença do coronavírus (COVID-19), a qual contabilizou, até o momento do presente estudo, mais de 6 milhões de mortes e mais de 500 milhões de casos em todo o mundo (COVID-19, 2021).

No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, foi em 26 de fevereiro que o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado (BRASIL, 2020a). Como forma de

contenção da doença, em 12 de março do mesmo ano, o Ministério da Saúde regulamentou algumas medidas preventivas, incluindo o isolamento social e o fechamento da maior parte dos comércios e das instituições (BRASIL, 2020b). Este fato causou impactos em diversos setores do país, como a economia, o comércio e a educação, além de áreas essenciais da vida dos seres humanos, como as relações interpessoais e familiares e as práticas artísticas (MAULANA, 2021, p. 11).

Obtendo como principal objeto de estudo a questão do sofrimento em momentos catastróficos, serão apresentadas tanto uma análise da estrutura do sermão, a partir da perspectiva dos estudos da homilética de Hoppin (1883) e de alguns elementos da retórica, quanto uma análise sobre o tema do sofrimento presente nos dois sermões, a fim de observar a abordagem do tema na utilização dos recursos de comparação, mais especificamente em metáforas e símiles, e de intertextualidade, bem como compreender os efeitos de sentido e o discurso presentes nas respectivas obras. O estudo possui, portanto, o intuito de observar, analisar e descrever a maneira como o tema do sofrimento é abordado, no gênero literário sermão, por um autor contemporâneo em um contexto catastrófico específico.

Inicialmente, o tema do trabalho foi pensado por causa do interesse em compreender como o sofrimento, de forma geral e especificamente no contexto pandêmico do coronavírus, afetou a literatura brasileira. Já a escolha específica do sermão como objeto de análise se deu, principalmente, mediante a observação da ausência de estudos em relação tanto à conceituação quanto à abordagem deste como gênero literário no campo das Letras. Não somente isto, mas, em termos de estudos literários no Brasil, percebeu-se ainda uma menor dedicação na pesquisa relacionada ao sermão contemporâneo. Por esta razão, os dois textos de Yago Martins foram selecionados, já que retratam, mais especificamente, o tema da dor em um gênero pouco estudado.

Os temas discutidos acima são abordados ao longo de todo o trabalho, o qual é dividido em dois capítulos. No primeiro, organiza-se a fundamentação teórica, em que há a conceituação geral dos elementos da pesquisa: o sermão, a metáfora, a intertextualidade e o tema do sofrimento. Já no segundo, concentra-se o intuito principal do presente trabalho, segmentado tanto na apresentação do livro e do autor quanto na análise dos dois sermões propostos, por meio da aplicação dos elementos

apresentados no capítulo anterior. Em Considerações Finais, com o objetivo de concluir os pontos observados, a abordagem sobre o tema do sofrimento e sobre os recursos de metáfora e intertextualidade, encontrados nos dois sermões, serão, então, retomados.

2 CONCEITOS GERAIS

2.1 O SERMÃO

Para conceituar o gênero sermão, conhecido também como gênero homilético, deve-se visualizá-lo como um gênero não estático deste, uma vez que existem diversas produções deste nível com padrões bem diferentes (MOURÃO, 2010, p. 79).

Entretanto, para fins de compreensão do gênero, faz-se necessário conceituá-lo de alguma forma. A origem da palavra “sermão” está relacionada com a palavra grega *homilein*, da qual provém o termo *homilia*, usado para formar, por exemplo, a palavra “homilética” na Língua Portuguesa. Seu significado remete ao ato de “conversar ou de repartir familiarmente”. Além disso, as características que mais o distinguem são: a representação de um processo de elaborada manifestação de conotações retóricas e a diversidade de níveis de leituras proporcionadas. (MOURÃO, 2010, p. 78)

Para além de uma conceituação meramente no âmbito da palavra, o sermão também apresenta muitas características peculiares que o definem. Segundo Edwards Junior (2016, p. 23, tradução nossa), o sermão é:

[...] um discurso, proferido numa assembleia cristã para culto, por uma autoridade que aplica alguns aspectos da doutrina, geralmente retirados de uma passagem bíblica, à vida dos membros da congregação, com o objetivo de mobilizá-los por meio do uso de analogias da narrativa e outros instrumentos retóricos a fim de que aceitem tal aplicação e ajam com base nela.

De forma muito parecida, Hoppin (1883, p. 11, tradução nossa) o define como:

[...] um tratamento mais formal de uma passagem da Escritura, ou tema sugerido por tal passagem, do que "homilia", e certamente do que "pregação". Implica não apenas análise, mas síntese; e pressupõe um discurso fixo, ou oração sagrada, completa em suas partes, entregue a uma assembleia cristã reunida com o propósito do culto público. É um discurso deliberado para uma assembleia religiosa.

Nas duas concepções, é perceptível que o sermão, em sua essência, é considerado como parte do ato da pregação religiosa dentro de uma congregação. Por isso, não deixa de ser também um discurso elaborado com o propósito de “criar fatos sociais que afetam ações, direitos e deveres das pessoas”. Em outras palavras,

o texto do sermão se torna um instrumento para a criação do que a linguística denominaria “atos de fala”: ideias que as pessoas passam a acreditar que sejam verdadeiras e que acabam afetando o modo como elas definem uma determinada situação (SAMUELSSON, 2008, p. 56).

Contudo, por se tratar de um discurso preparado para um evento religioso, o sermão também se torna um texto escrito, já que necessita de elaboração prévia. Ao mesmo tempo, muitas vezes, o sermão também é transformado por meio da transcrição, o que o torna um outro tipo de texto por causa das modificações que são realizadas apenas durante o momento de fala na pregação. É por meio da transformação em texto escrito que o sermão se torna, assim, um texto possível para análise.

Dentre as formas de sermão mais utilizadas em relação à sua estrutura destacam-se: o sermão temático, em que os textos bíblicos e o discurso são escolhidos a partir de um tema específico; o sermão textual, em que todos os elementos referentes à pregação são preparados e utilizados a partir de um texto bíblico base; e o sermão expositivo, o qual torna o ponto principal de uma passagem bíblica o ponto central do sermão, aplicando-o a vida cotidiana dos ouvintes ou leitores. (PIRAGINE JÚNIOR; MELO, 2017, p. 8-21)

A fim de realizar a análise dos dois sermões de Yago Martins propostos, os fundamentos e a estruturação do sermão expositivo serão utilizados, já que, além de ser o estilo utilizado pelo pregador, ele é considerado:

aquele tipo de pregação cristã que tem como propósito central a apresentação e a aplicação do texto da Bíblia. Esse tipo de sermão traz à tona verdades bíblicas atuais e transformadoras, reais e provocantes, mudando assim a postura de seus ouvintes, pois baseia-se em argumentos bíblicos, não em argumentos humanos (PIRAGINE JÚNIOR; MELO, 2017, p. 22-23).

Para uma compreensão mais aprofundada sobre a estruturação do sermão, faz-se igualmente importante a observação das divisões dentro do texto do sermão. Nesse sentido, a organização pensada por Hoppin (1883) será utilizada. Para ele, a fim da obtenção de um método mais familiar e geral, o sermão pode ser estruturado em “texto, introdução, explicação, proposição, divisão, desenvolvimento e conclusão” (HOPPIN, 1883, p. 287-288, tradução nossa).

O texto, definido pelo autor como a “rede”, o “tecido” ou o “fio condutor” do discurso, constitui um texto legítimo das Escrituras que é apresentado logo no início do sermão, o qual serve como base para todo o seu discurso. Na utilização do sermão, pode-se escolher um texto extenso ou até um versículo apenas, tendo em vista que, assim como o sermão repousa sobre uma tese, verdade abstrata e completa em si mesma, da mesma forma, um texto, para cumprir seu propósito, deve conter um tema completo em si, independentemente do seu tamanho (HOPPIN, 1883, p. 288-290, tradução nossa).

Levando em consideração o propósito de interpretação e explicação da palavra divina aos homens do sermão, a utilização do texto bíblico, principalmente básico, é imprescindível. Ele serve tanto para explicar e interpretar as Escrituras quanto para atribuir uma sanção divina ao sermão, além de limitar o assunto do discurso escolhido (HOPPIN, 1883, p 94-95).

Assim como, para a retórica, o exórdio é o começo do discurso, a introdução, para o sermão, é o que conduz o texto ao assunto principal sem que este seja o assunto principal em si. Nesse sentido, ele precisa sugeri-lo, com o objetivo de tornar o objeto conhecido e chamar a atenção daqueles a quem o texto é endereçado, fazendo-os pensar favoravelmente sobre o tema (HOPPIN, 1883, p. 339).

A explicação do sermão se refere ao que é necessário para “elucidar a força e o significado exatos do texto”. Assim, o autor pode definir os termos e os conteúdos com o propósito de que o tema seja apresentado distintivamente, tanto em relação à etimologia e definição de palavras quanto à “definição racional do texto”, trazendo à tona a completude de significação que o texto pretende transmitir (HOPPIN, 1883, p. 353, tradução nossa).

A proposição do sermão é a parte em que o tema do sermão é anunciado de forma mais distinta e formal, o qual pode ser expresso no início, por meio da análise de uma verdade já estabelecida no texto, ou no final, pela construção gradual de enunciação de uma verdade geral (HOPPIN, 1883, p. 369).

Ao longo do sermão, outras afirmações podem ser pontuadas, as quais são caracterizadas como as divisões do sermão. Estes são pontos conectados que promovem a “variedade na unidade” do tema e a clareza e o progresso da discussão,

além de “refrescar a mente e a memória”, seja do orador ou do ouvinte (HOPPIN, 1883, p.382-385, tradução nossa).

Tratando-se do desenvolvimento do sermão, ele constitui “o seu corpo completo”, é “a execução e o abastecimento de todo o plano”. É o tratamento, de fato, do tema, depois da designação do assunto específico e do esquema geral do sermão. É decidido, essencialmente, pelo caráter do assunto proposto e é influenciado pelo objetivo discursivo que o autor tem em vista. Existem, segundo o autor, vários métodos de desenvolvimento, sendo as nomenclaturas dos principais modos: “o Expositivo; o Ilustrativo; o Argumentativo; o Persuasivo; e o Meditativo” (HOPPIN, 1883, p. 398-399, tradução nossa).

No desenvolvimento “Expositivo”, há a apresentação de uma ampla quantidade de conhecimento bíblico, em que o pregador é levado a se debruçar sobre o texto de forma intensiva, a fim de que a mensagem, no contexto bíblico, seja compreendida claramente e adaptada para o contexto atual. Já no “Ilustrativo”, a pregação é mediada por ilustrações, sejam históricas, biográficas, descritivas ou alegóricas e simbólicas, que iluminam a compreensão do sermão. No “Argumentativo”, o intuito é de convencer o julgamento do público estabelecendo a verdade por meio de evidências. Já no “Persuasivo”, apesar de também buscar convencer por meio de um discurso argumentativo, seu foco é a persuasão, concentrando-se nos motivos e não nas provas. Por fim, no “Meditativo”, há o estímulo à contemplação e à autoavaliação, seja por meio de um método pessoal e informal ou na observação de um texto originalmente meditativo (HOPPIN, 1883, p. 399-423, tradução nossa).

Se para a arte retórica a peroração consiste na recapitulação dos fatos, da mesma forma, a conclusão do sermão é “o encerramento adequado e a aplicação prática” de tudo o que foi dito: “entregar a verdade aos corações” dos leitores (HOPPIN, 1883, p. 427, tradução nossa). Assim, possibilita a execução da ideia e do objetivo reais da pregação. No estudo da homilética é, geralmente, desmembrada em “recapitulação”, “inferências” e “apelo aos sentimentos” ou “apelo pessoal”, sejam apresentadas de forma separada ou combinada (HOPPIN, 1883, p. 431-435, tradução nossa).

A forma como as divisões supracitadas aparecem no texto como um todo podem variar de sermão para sermão, dependendo da natureza do discurso utilizado,

sendo o “estilo dinâmico” natural do sermão mais importante para o seu propósito discursivo do que o “estilo mecânico” (HOPPIN, 1883, p. 288, tradução nossa).

2.2 A METÁFORA E O SÍMILE

A conceituação precisa da figura da metáfora é uma questão complexa, porque existem diversas teorias que foram elaboradas com o intuito de defini-las, sendo elas pensadas por autores diferentes em épocas distintas. Nesse sentido, a fim de trazer uma compreensão mais palpável para esta análise, o presente estudo apresenta uma tentativa de definição por meio de outros estudos anteriores.

Na explicação sobre a retórica das figuras, Fiorin (2014, p. 27) defende a ideia do *ornatus*, comumente considerado como o “embelezamento da linguagem com figuras”, em seu significado mais tradicional: “bem argumentado”, “bem equipado para exercer sua função”. Para isso, ele cita um trecho do “Sermão da Sexagésima”, de Padre Antônio Vieira:

As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas [...]. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor (FIORIN, 2014, p. 26).

Por meio deste trecho, o autor não somente demonstra que não existe uma dissociação entre argumentação e figuras na retórica, mas também elucida o significado do termo *ornatus*: não é tido apenas como uma figura de enfeite para o discurso, mas é o recurso que considera o argumento como aquele que realça e “faz brilhar uma ideia” (FIORIN, 2014, p. 27).

Nesse sentido, para o autor, a metáfora, considerada um tipo de figura dentro do *ornatus*, é concebida como uma “concentração semântica”, em que uma ideia abstrata recebe um significado concreto, tornando-o mais intenso e, com isso, aumentando o seu valor argumentativo. Para ele, é a similaridade, o estabelecimento de traços em comum, dos sentidos que tornam a metáfora o que ela é (FIORIN, 2014, p. 34).

Além desta concepção, Francisco (2015, p.19) também apresenta a palavra “metáfora” em sua etimologia: vinda do grego *μεταφορά*, que apresenta um significado mais próximo das palavras "transferência" ou "transporte". Na palavra, o radical "*meta*" quer dizer "mudança" e o radical "*phora*" significa "carregar". Assim, em seu sentido léxico, a metáfora pode expressar a significação de uma ideia que é transportada, levada para fora do seu significado literal. Nesse sentido,

as metáforas são, portanto, palavras sendo usadas fora do seu sentido literal em um determinado contexto, para uma finalidade comparativa. Essa noção etimológica está diretamente ligada à visão retórica da mesma (FRANCISCO, 2015, p.19).

Segundo a autora, a visão retórica da metáfora seria uma das conceituações fundamentais para a sua definição, principalmente em seu sentido léxico, já que foi organizada por Aristóteles e é apresentada em seus ensaios nas obras *Arte Retórica* e a *Arte Poética* (FRANCISCO, 2015, p. 19).

Entretanto, no estudo supracitado, ainda, existe a explicação de outras duas visões fundamentais para a compreensão do que é a metáfora: a visão semântica - em que a metáfora é analisada a partir do seu discurso e de seu contexto - e a visão conceitual - em que a metáfora é conceitual e tem grande influência do pensamento e do raciocínio humano. Nesse sentido, para obter uma visão mais abrangente do que seria a metáfora, a autora propõe a união destas três visões, conceituando a metáfora por meio de seu valor comunicativo, considerando a sua estética, seus contextos e sua conceitualidade (FRANCISCO, 2015, p. 29-31).

Para este estudo também vale ressaltar a distinção entre a metáfora e o símile, ou comparação, uma vez que os dois possuem características muito parecidas. Nesse sentido, o símile nada mais é do que uma comparação, apresentada de forma explícita, de elementos diferentes. A professora Ziva Ben-Porat (1992, p. 738, tradução nossa) explica que esta visão reflete dois princípios Aristotélicos sobre a origem do termo:

[...] (1) o princípio formal, que exige a presença de um determinado conector formal, ou marcador de semelhança (por exemplo, "como", "assim como", etc.), cuja função é distinguir um símile de uma metáfora comparativa; e (2) o princípio da distância semântica, que exige que os elementos comparados pertençam a domínios semânticos distantes, com a diferença semântica distinguindo entre um símile e uma comparação literal.

Assim, de forma essencial, enquanto, na metáfora, existe o estabelecimento de uma comparação implícita, no símile, esta comparação é visível, evidenciado por meio de palavras que marcam tal relação. Entretanto, apesar desta diferenciação, as duas figuras serão consideradas, neste trabalho, como complementares uma à outra, uma vez que podem ser utilizadas conjuntamente em um mesmo momento.

Por tanto, paralelamente, é a partir da visão tanto do *ornatus* e da similaridade quanto do valor comunicativo da metáfora e do símile que este presente trabalho pretende conceituá-las, considerando-se o contexto específico do sermão enquanto gênero literário e dos sermões individuais que serão analisados mais adiante.

2.3 A INTERTEXTUALIDADE

Iniciado, primeiramente, com os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin e, depois, designado, de fato, por Julia Kristeva, o conceito de intertextualidade permeia o processo de produtividade do texto literário. Segundo ela,

o termo intertextualidade designa esta transposição de um (ou de vários) sistema(s) de signos em um outro, mas já que esse termo tem sido frequentemente entendido no sentido banal de «crítica das fontes de um texto, preferimos a ele o de transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem de um sistema significativa a um outro exige uma nova articulação do tético - posicionamento enunciativo e denotativo (SAMOYAULT, 2008, p.17).

Assim, a intertextualidade é um procedimento que

diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento de um ou mais textos previamente existentes, compreendendo as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 48).

Assim, de maneira geral, a intertextualidade estaria presente de modo implícito, em todo e qualquer texto, por haver o estabelecimento de um processo discursivo sobre um discurso anterior. De maneira estrita, estaria presente tanto de modo implícito, por meio de “operadores linguísticos que permitem uma identificação sócio-historicamente situada”, quanto de modo explícito, por meio de “citações, referências, resenhas, paráfrases”, ou também por meio de “itens lexicais presentes no texto que

podem despertar, na memória do leitor, informações armazenadas ou textos adormecidos (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 50).

Por tanto, os elementos intertextuais de um texto podem gerar “fragmentos de representação” na memória e na mente do leitor. Para que haja, então, o estabelecimento de associações intertextuais no processo de leitura,

não é necessário, de fato, aparecerem recorrências explícitas de outros textos (entre aspas ou com qualquer outro tipo de notação), pois a intertextualidade não é só concebida pela manifestação de textos em textos, por meio de um recurso específico de citação, mas também por meio do resgate de convenções textuais socialmente estabelecidas e culturalmente preservadas (CARDOSO-SILVA, 2006, p. 51).

Especificamente em relação ao sermão, é perceptível que a utilização do recurso da intertextualidade é recorrente e imprescindível, uma vez que o sermão constitui um texto, e um discurso, que não é criado a partir do nada. O propósito do uso da intertextualidade no sermão é o de associar um discurso do passado a uma situação atual. Neste contexto, “o escritor tenta estabelecer fatos sociais sobre os quais procura fazer uma nova afirmação” (SAMUELSSON, 2008, p. 57).

Assim, o sermão constitui um material repleto de intertextos, seja em relação a textos bíblicos, seja na exposição de outros textos complementares associados, ou não, ao caráter religioso, como textos relacionados à cultura, história, filosofia, literatura e a outras áreas relevantes ao contexto de determinado sermão.

3 ANÁLISE DO SOFRIMENTO NOS SERMÕES

3.1 O TEMA DO SOFRIMENTO

Segundo Barus-Michel e Camps (2003, p. 55), etimologicamente, a palavra sofrimento, *pherein*, no grego, e no latim, *ferre*, apresenta o significado de carregar. Em *suffere*, o significado assumido é de “carregar por debaixo, que também significa oferecer, suportar, permitir, tolerar.” No século XVI, a palavra começou a assumir um sentido de “experimentar uma dor”. Atualmente, a palavra dor, por si só, já é definida, pelos dicionários, como “sofrimento ou sensação penosa, uma definição remetendo à outra, como se as palavras estivessem sempre tentando captar o real”.

O tema do sofrimento é amplamente debatido, há muito tempo, pelas mais diversas áreas do conhecimento e nos mais variados lugares do mundo, principalmente, por se tratar de uma experiência inerente à vida humana. Como Lewis (1940, p.121-122) deixa claro em *O Problema da Dor*: “a dor não é apenas um mal imediatamente reconhecível, mas um mal impossível de ignorar. [...] A dor insiste em estar presente”.

No campo da filosofia e da literatura, dois grandes autores, Nietzsche e Dostoiévski, podem ser destacados em relação à pesquisa e elaboração do tema do sofrimento. Para o primeiro, apesar de a dor ser uma das mais sérias doenças da humanidade, ela não é tida como algo necessariamente ruim, mas como um caminho de transformação para a alegria, como uma travessia (FORTES, 2014, p. 2). Para o segundo, dedicado, majoritariamente, à expressão da dor por meio da literatura, o tema do problema do mal é essencialmente vinculado ao problema da liberdade humana, princípio este fundamental: “sem a experiência da liberdade e sem a experiência do mal, a harmonia universal não pode ser aceita” (COUTINHO, 2016, p.763). Assim, em seu “pensamento trágico”,

à base da condição humana existe apenas a livre e consciente escolha do homem que tragicamente pode fazer, com a mesma força –ou seja, a liberdade –tanto o bem quanto o mal, que a felicidade não se possa alcançar a não ser por meio da dor, e que o único meio para se combater o mal seja o sofrimento (COUTINHO, 2016, p.758).

Em relação ao campo da antropologia, a questão da dor pode ganhar um aspecto social, em que o sofrimento é “intrinsecamente vinculado [...] às políticas e

economias da vida, verificadas em condições e configurações históricas e sociais específicas”. Nesta perspectiva, torna-se imprescindível “observar como os poderes políticos, econômicos e institucionais se entrelaçam na experiência pessoal e cotidiana e como as pessoas reagem aos eventos no dia-a-dia” (VÍCTORA, 2011, p. 5-6).

No campo da psicologia, por exemplo, a análise existencial e a logoterapia desenvolvidas por Viktor Frankl, como estudioso da área e também como quem passou pelas dolorosas experiências do campo de concentração, salientam a luta, presente no homem, por um sentido de vida, na demonstração de que, até no momento da dor, um sentido pode ser encontrado. Assim, “privar a vida da necessidade e da morte, do destino e do sofrimento, seria como tirar-lhe a configuração, a forma”, assim, “nenhum desses elementos se pode separar da vida sem se lhe destruir o destino” (MOREIRA; HOLANDA, 2010, p. 347).

Já no campo da teologia, a teoria da teodiceia busca a conciliação entre a realidade da existência do mal e a realidade da existência de um Deus puramente bom e onipotente. Sobre isso, Lewis (2009, p. 43-44) comenta:

Nosso projeto [...] visa apenas descobrir como, percebendo um mundo de sofrimento e estando certos, a partir de fundamentos bem diversos, de que Deus é bom, como devemos conceber essa bondade e esse sofrimento sem contradição.

Nesse sentido, o sofrimento seria tomado como “a estrada que Deus pavimenta para chegar às nossas vidas e firmar o seu propósito”. (LIMA NETO, 2010, p. 62) A aflição assumiria, assim, um caráter preventivo, corretivo e educativo para o ser humano (LIMA NETO, 2010, p. 68-69).

Em uma perspectiva mais específica, o sofrimento também pode assumir outro significado na questão da doença, que acontece “quando a pessoa se apercebe de algo que a pode colocar numa situação de risco, e termina quando consegue eliminar esse risco”. Desta maneira, o sofrimento no contexto da doença pode abranger cinco dimensões: sofrimento psicológico, o sofrimento físico, o sofrimento existencial, o sofrimento social e relacional, e as experiências positivas do sofrimento” (PEIXOTO; BORGES, 2011, p. 36). Ainda mais especificamente na doença do Coronavírus, alguns fatores como a crise global, o excesso de informações na era digital e o

isolamento social intensificaram e ressignificaram este tipo de sofrimento (VASCONCELOS; AZEVEDO, 2020, p. 707).

Apesar do aspecto multifacetado da questão do sofrimento e das diversas definições dadas a ele, destacam-se, para este trabalho, tanto a questão do sofrimento em um contexto de doença quanto alguns elementos em comum a este tema, como o sofrimento como experiência inerente à vida humana, que produz significado e que possui alguma forma de propósito.

3.2 APRESENTAÇÃO DO AUTOR E DO LIVRO

Yago Martins, autor de nove obras sobre o cristianismo, professor de teologia e economia, presidente do *Instituto Schaeffer de Teologia e Cultura*, além de atuante na popularização da teologia na internet por meio da participação no blog *Voltemos ao Evangelho*, da fundação do ministério *Cante as Escrituras* e da apresentação do canal do Youtube intitulado *Dois Dedos de Teologia*, também é pastor na *Igreja Batista Maanaim*, em Fortaleza, onde frequenta juntamente com sua esposa e filha (DOIS DEDOS DE TEOLOGIA, 2022).

Sua trajetória cristã é mais conhecida no ambiente virtual por causa da mudança de perspectiva do evangelho em sua vida, quando, como em um momento de epifania, como é descrito pelo próprio autor, tudo aquilo em que ele havia acreditado acerca da fé cristã durante dois anos havia sido transformado em uma mentira, inclusive em relação ao tema do sofrimento. Assim, por meio do estudo mais aprofundado da verdade divina, passando por um momento de transição da fé reformada, a sua visão sobre o sofrimento, antes carregada de certo negacionismo, tornou-se convicta em relação ao propósito de Deus para a dor (MARTINS, 2020, p.85).

A sua compreensão de fé, somada ao contexto pandêmico do ano de 2020, propiciou ao pastor a elaboração de uma série de pregações, intitulados *Sermões da Pandemia*, que foram transmitidos de forma virtual aos membros de sua igreja no intuito de apresentar-lhes uma mensagem de esperança e consolo durante o período de intensa aflição causado pela doença e suas consequências mundiais. Por causa da transmissão, um público maior do que o da sua igreja obteve acesso à sua pregação, fato que o estimulou, juntamente com o seu editor, a pensar sobre a

possibilidade de transcrever os seus sermões para que fossem disponibilizados também como literatura (MARTINS, 2020, p.11).

Desta forma, a obra *Sermões da pandemia: encontrando esperança em dias de caos*, uma série de oito sermões que tratam do tema do sofrimento no contexto específico da pandemia do coronavírus, foi publicada na metade do ano de 2020. Como parte constituinte de cada capítulo, os títulos de cada sermão estão estruturados, respectivamente, com os seguintes títulos: “Primeiro Sermão: Quando Os Crentes Se Espalham”; “Segundo Sermão: Duas Tragédias E Uma Parábola”; “Terceiro Sermão: Perseverando Durante O Gemido Da Criação”; “Quarto Sermão: Cinco Passos Na Estrada Da Dor”; “Quinto Sermão: O Espetáculo Do Sofrimento”; “Sexto Sermão: As Orações Dos Náufragos”; “Sétimo Sermão: O Que Jó Não Sabia”; “Oitavo Sermão: O Vírus Só Mata O Que Te Prende Aqui”. Além disso, ao final do livro, também se encontra o epílogo com o título “A Páscoa Em Tempos De Cólera”, em que o autor trata especificamente da celebração da páscoa nesse momento de caos (MARTINS, 2020).

Para fins de análise, foram escolhidos apenas dois destes sermões, o quarto, “Cinco Passos Na Estrada Da Dor”, e o quinto, “O Espetáculo Do Sofrimento”. Estes títulos foram escolhidos por causa da concentração maior e mais específica da conceituação acerca do sofrimento em seus trechos, facilitando o estudo analítico da abordagem do tema.

3.3 ANÁLISE ESTRUTURAL

No sermão *Cinco Passos na Estrada da Dor*, logo de início, é apresentado o endereço do texto sagrado, encontrado na Bíblia, no livro de Tiago, capítulo 1, versículos de 2 a 18 (MARTINS, 2020, p. 63). Este texto, base para todo o discurso do sermão, é apresentado logo na introdução, neste caso, logo após o título e pode ser considerado médio em relação ao seu tamanho (HOPPIN, 1883, p. 333).

Nesse sentido, por se caracterizar como um sermão expositivo, o texto escolhido é mais extenso, além de também não ser usado de modo avulso. Da mesma forma, contém um assunto completo em si mesmo, uma vez que aborda alguns pontos, relacionados à questão do sofrimento, que se conectam com o tema central. Tal composição transforma-o em uma ferramenta capaz de auxiliar no processo

explicativo do próprio sermão de forma mais adequada e completa. (HOPPIN, 1883, p.289-290).

Em relação à introdução, neste sermão, o autor a apresenta por meio de afirmações e contraposições de pensamentos que aproximam e interessam o leitor em relação ao tema: a experiência da dor. Para isso, ele utiliza muitas exemplificações cotidianas comuns, como será visto mais à frente, que definem e diferem o que seria pensar sobre a dor e o que seria vivenciá-la (HOPPIN, 1883, p. 340-342).

Para a explicação, o autor utiliza a exposição do assunto presente na passagem de Tiago. Assim, ele apresenta aos leitores cinco atitudes encontradas no texto que auxiliam o pensamento espiritual durante o sofrimento. (MARTINS, 2020, p. 63). Para a explicação do texto, são apresentadas várias estratégias práticas, tais como comparações entre versões diferentes da Bíblia, exemplificações sobre o sofrimento cotidiano do leitor, seja comum ou em relação ao contexto de pandemia, definições de termos utilizados tanto de maneira geral, como na palavra “várias” (MARTINS, 2020, p. 64), quanto de maneira específica, como na palavra “tentação” (MARTINS, 2020, p. 78), e comparações a outros textos e personagens bíblicos, como na citação da história de Jó (MARTINS, 2020, p. 64).

Já a proposição, sendo a parte em que o tema é anunciado de forma mais distinta, é apresentada como verdade já estabelecida no texto, logo no início do sermão (HOPPIN, 1883, p. 369), no trecho em que o autor afirma: “há cinco passos que precisamos dar na estrada da dor” (MARTINS, 2020, p. 63).

De forma mais explicativa, a proposição, neste caso, também pode ser percebida no trecho anterior à sua enunciação de fato: “Por isso, Tiago inicia o seu texto nos dando, já no capítulo 1, cinco atitudes que vão nos ajudar a pensar de modo espiritual durante tempos de crise”. Sua presença pode ser igualmente identificada no próprio título: “cinco passos na estrada da dor” (MARTINS, 2020, p. 63).

Tratando-se da divisão do sermão, a partir da própria proposição, percebe-se a segmentação do assunto em cinco pontos que marcam cada nova observação retirada do texto base (HOPPIN, 1883, p. 380-381): “na estrada da dor, nós perseveramos com alegria”; “na estrada da dor, nós oramos confiantemente por sabedoria”; “na estrada da dor, nós usamos olhos espirituais”; “na estrada da dor, nós

não culpamos Deus”; “na estrada da dor, nós lembramos que Deus é bom” (MARTINS, 2020).

Dentre os cinco modos de desenvolvimento, há a predominância do expositivo neste sermão, o qual tem como fim “selar uma passagem das Escrituras na mente e no coração do ouvinte”, não somente pelo esclarecimento da verdade antiga, mas na ressignificação da verdade para o presente vivido (HOPPIN, 1883, p. 399; MARTINS, 2020). Entretanto, é possível notar também a utilização constante do modo ilustrativo, uma vez que existem vários indícios de comparação com a realidade e o cotidiano do leitor, que ilustram e exemplificam a mensagem exposta. (HOPPIN, 1883, p. 405-406; MARTINS, 2020).

Nesse sentido, o autor expõe, de forma simples, as várias cláusulas da passagem de Tiago em ordem, apontando, analisando e explicando cada afirmação presente no texto. Além disso, ele também compara o texto-base a várias outras passagens da Bíblia, trazendo ideias complementares que auxiliam na compreensão das atitudes do cristão durante o sofrimento (MARTINS, 2020).

Por se tratar de um sermão expositivo, a conclusão é apresentada ao longo do desenvolvimento do sermão, em cada divisão, a fim de relembrar os leitores sobre a afirmação de cada ponto enfatizado (HOPPIN, 1883, p. 428-429). Em vez de apresentar uma aplicação geral ao final do sermão, em que os cinco pontos são retomados, o autor faz uma aplicação e ilustração para cada discussão sobre as atitudes do cristão diante do sofrimento. Há, por sua vez, a finalização por meio da exposição de um trecho do sermão intitulado “O dedo de Deus”, de J. C. Ryle, pregado durante o surto de peste bovina em 1865, a fim de estabelecer uma relação com o discurso do seu próprio sermão (MARTINS, 2020, p. 83).

Já no sermão *O Espetáculo do Sofrimento*, o texto-base está presente no livro bíblico de Hebreus, no capítulo 10, versículos 32 ao 39, o qual também é apresentado logo no início, abaixo do título. Apesar de a extensão do texto ser menor do que a do sermão anterior, já que é composto apenas por sete versículos, ele ainda se caracteriza como um sermão expositivo, e o texto escolhido também apresenta um assunto completo em si mesmo (HOPPIN, 1883, p. 333): a inevitabilidade do período de provação na vida cristã:

Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados (BÍBLIA, 2010).

Diferentemente do quarto sermão, em que a discussão sobre o tema já é apresentada diretamente no início, neste, a introdução é caracterizada por uma tentativa de associação entre o tema da pregação, e conseqüentemente do texto bíblico, da situação da pandemia e de suas implicações locais, e uma história pessoal do autor, questões que aproximam o leitor do tema e chamam sua atenção (HOPPIN, 1883, p. 342-343).

Assim, o autor afirma que o contexto do isolamento social interrompeu uma série de sermões que aconteciam em sua igreja, a qual ele decide retomar exatamente pelo favorecimento da situação em relação ao tema do sofrimento. Além desta revelação, o autor também confessa como ele pensava, erroneamente, no início de sua conversão, que o sofrimento e o cristianismo estavam dissociados um do outro e como ele passou a pensar diferente depois de um momento de compreensão verdadeira do evangelho, o qual ele retrata como “epifania” (MARTINS, 2020, p. 84).

Após este momento, segue-se para a explicação, em que há a contextualização do texto básico, na qual o autor cita diversos textos bíblicos e exemplos de personagens que expõem a questão da inevitabilidade e essencialidade do sofrimento na trajetória cristã (HOPPIN, 1883, p 353-354). Assim, a explicação ocorre tanto de forma geral, na introdução do assunto como um todo, em que o contexto histórico, seja do texto de Hebreus seja da questão do espetáculo romano, a narrativa do sofrimento dos cristão daquela época, a rememoração do contexto histórico pandêmico atual e a exemplificação de histórias reais de sofrimento; quanto de forma específica, com o esclarecimento de termos, contextos e exemplos durante o sermão, já que também é segmentado em alguns tópicos expositivos dentro do tema central (MARTINS, 2020).

A proposição é apresentada, assim como no sermão anterior, como verdade já estabelecida no texto (HOPPIN, 1883, p. 369), depois do trecho introdutório, por meio da seguinte frase: “O autor da Carta aos Hebreus dá pelo menos cinco conselhos do que nós podemos lembrar e focar os nossos corações a fim de encontrarmos alegria

durante a provação”. Assim, uma vez que a provação é inevitável, existe uma maneira de perseverar nela (MARTINS, 2020, p. 92).

Da mesma forma, após a proposição, faz-se notória a divisão que será feita do tema, a qual é organizada no seguimento da ordem de tópicos do próprio texto bíblico, sendo desmembrada nos seguintes pontos: “Lembrando do que já passamos”; “Lembrando do que receberemos”; “Lembrando daquele que vem”; “Lembrando da fé”; “Lembrando de quem somos” (MARTINS, 2020). Apesar de também se tratar de um sermão expositivo e a divisão se configurar na mesma quantidade do que no outro, o conteúdo de cada ponto é apresentado de forma mais rápida, tendo em vista que já havia acontecido uma explicação introdutória anteriormente, o que não acontece no quarto sermão.

Utilizando-se do mesmo formato do modo de desenvolvimento expositivo (HOPPIN, 1883, p. 399), juntamente com indícios do modo ilustrativo (HOPPIN, 1883, p. 403), no esforço de apresentar a verdade da palavra divina de uma forma viva e real, o autor não só explica e ilustra, versículo por versículo, o conteúdo do texto de Hebreus, mas também aponta e relaciona, de forma mais frequente do que o sermão anterior, para uma diversidade de outros textos da Bíblia que dialogam com o tema principal: a esperança em meio ao sofrimento. Além disso, este sermão também aparece de forma mais segmentada, em que o leitor pode perceber mais facilmente tanto as divisões de cada ponto, como as partes introdutórias e de conclusão.

Diferentemente do sermão anterior, neste, existe uma conclusão geral, destacada também por um título, que direciona o tema principal a um encerramento dos cinco pontos trabalhados. Assim, o autor, com um pedido de permissão ao leitor, aplica a questão do sofrimento, essencial à vida cristã, tanto para a vida comum quanto, principalmente, para o contexto de pandemia:

Permita-me encerrar: você é um cristão em um país livre. Você é um cristão que não é perseguido todos os dias por grupos muçulmanos que querem arrancar sua cabeça, por isso você pode acabar perdendo o espírito do mártir. [...] Somos cristãos e talvez estejamos fora do nosso habitat natural, pois é possível que ele seja o fio da espada, o palco do sofrimento, o Coliseu. Nós louvamos a Deus pela bênção da paz, nós oramos para que Deus nos dê cada vez mais paz, mas nós não desaprendemos a ser mártires, porque o martírio vem, seja na morte diária para este mundo, nas pequenas perseguições que ainda sofremos, nas dores que escolhemos pelo reino de Deus ou em enfrentarmos pandemias mundiais e crises econômicas. O fato é que

o martírio vem, e não podemos esquecer como sofrer em nome de Jesus (MARTINS, 2020, p. 98).

Ele destaca, por fim, as dificuldades como oportunidades da pregação do evangelho por meio da alegria manifestada pelos cristãos e encerra com um trecho de outro sermão de um período pandêmico, de Charles Spurgeon (MARTINS, 2020, p. 100).

3.4 ANÁLISE DA METÁFORA E DO SÍMILE

Tanto no quarto, quanto no quinto sermão, propostos para análise, a caracterização de um ambiente próximo ao cotidiano dos leitores, apresentado por meio de comparações, sejam metáforas ou símiles, é predominante. O uso da comparação por meio destas figuras de linguagem é visto na concepção de Fiorin (2014, p. 34) sobre a metáfora, em que, é a partir de termos em comum de similaridade que ela pode se estabelecer. Mais especificamente em relação ao sermão, Hoppin (1883, p. 405-406) explica que a utilização de elementos ilustrativos de uma forma mais “fresca e vívida”, como exemplos da realidade comum e habitual do leitor, iluminam o sermão e auxiliam em sua compreensão e interesse.

Entretanto, em cada um dos sermões, o estabelecimento destes elementos comparativos é feito por meio de uma organização diferente do texto. Por isso, com o objetivo de apresentar análises mais detalhadas sobre os dois textos, estas serão expostas separadamente.

3.4.1 Em “Cinco Passos na Estrada da Dor”

De forma geral, o quarto sermão propõe uma reflexão de dualidade em relação à caracterização do sofrimento: Especificidade *versus* amplitude. Para isso, o autor trabalha com uma variedade de símiles e metáforas que se aproximam da realidade e da experiência do leitor. Já na introdução do sermão, pode-se identificar esta caracterização por meio do símile, já que há a comparação explícita, por meio da palavra “como”, em três trechos seguidos:

Nem sempre o sofrimento vem em uma unidade ou é muito específico como um tiro de sniper. Às vezes, o sofrimento nos alcança como balas de metralhadora, como tiros de escopeta: são dores que se espalham por todo o nosso ser (MARTINS, 2020, p. 64, grifo nosso).

Mais adiante, o sofrimento também é apresentado contendo estas duas características supracitadas. Elementos da vida comum dos seres humanos, como a área da saúde e a área financeira, servem de base para a construção desta metáfora em relação ao sofrimento, em que, primeiramente, há a continuação da comparação entre seu caráter específico e amplo e, depois, coloca-se em foco a caracterização apenas da amplitude:

Pode até ser fácil aguentar uma provação só. Às vezes é fácil perder o emprego e continuar saudável. Pode ser mais simples, por exemplo, ter uma doença no fígado, mas o restante do corpo continuar bem. Você sente uma dor de dente, mas seu coração está bombeando sangue. Mas e quando você tem falência múltipla dos órgãos? E quando você perde todas as suas fontes de renda? E quando os vários ambientes de segurança simplesmente se esvaem? [...] Começamos a ser provados nas mais diversas áreas ao mesmo tempo (MARTINS, 2020, p. 64 e 65, grifo nosso).

Mais uma vez, para apresentar esta questão de dualidade, o autor apresenta uma comparação com um elemento fundamentalmente cotidiano na área da alimentação, tanto em relação aos sabores de pizza quanto em relação a uma refeição completa. No primeiro caso, utiliza-se um símile, já no segundo, conclui-se o pensamento, por meio de uma metáfora, atribuindo o sentido de variedade e amplitude da expressão “à la carte” ao sofrimento:

Não é como sabores de pizza rodando em volta da nossa mesa, nas mãos dos garçons. O sofrimento chega todo de uma vez, à la carte, (MARTINS, 2020, p. 65, grifo nosso).

Igualmente, para estabelecer uma relação entre a ideia do sacrifício do sofrimento e a alegria produzida por ele, o autor apresenta, metaforicamente, duas situações diferentes. Uma das situações imaginárias apresentadas é a da compra de um imóvel, em que, a fim da realização de um sonho, determinada pessoa se sacrifica para pagar tudo o que é preciso. A outra situação, está relacionada a uma viagem longínqua, em que o viajante passa muitas horas de sacrifício para alcançar o seu objetivo. Ambas podem ser observadas a seguir:

[...] “Você tem que vir aqui assinar o contrato, vai ter que deixar trinta mil reais de entrada e vai pagar os dez mil reais de taxa do cartório”.
 [...] “Você vai ter que passar doze horas dentro de um avião, vai pegar outro avião, vai ficar 44 horas viajando de aeroporto a aeroporto, com fome, com mal-estar e tudo mais que é tão comum às viagens

internacionais, pois você ganhou o concurso da sua viagem dos sonhos” (MARTINS, 2020, p. 66).

A utilização desta metáfora também é evidenciada quando o autor conclui o seu pensamento sobre tais situações, aproximando o significado do sofrimento ordinário ao significado do caráter do sofrimento de forma geral:

Mas pagar quarenta mil reais não é motivo de alegria para ninguém. [...] Ora, viajar longamente não é uma coisa agradável, mas aquele sofrimento traz algo que gera alegria (MARTINS, 2020, p. 66, grifo nosso).

Em outro trecho, na tentativa de exemplificar a dificuldade da procura de sabedoria durante um momento de profundo sofrimento, o autor apresenta alguns elementos representativos da dor bem próximos ao cotidiano do leitor, o velório e o término de um relacionamento:

geralmente, é mais difícil encontrar as ferramentas para lidar com o sofrimento enquanto estamos nele. [...] É difícil aprender teologicamente sobre a soberania de Deus durante o velório; você encontra consolo quando você já sabe disso antes de a morte te tocar. É difícil aprender sobre não idolatrar o namorado durante o término; a tranquilidade reside em já estar lidando com as suas idolatrias antes disso (MARTINS, 2020, p. 72, grifo nosso).

Com o objetivo de estabelecer uma relação entre o sofrimento e o ato de orar, o autor também utiliza algumas expressões metafóricas, colocando a ideia do ato de ajoelhar-se e reclinar-se, composta por diferentes expressões ao longo do trecho, como representação do momento de oração:

Deus quebra as nossas pernas para que as nossas rótulas encostem no solo, pois, quando os dias são bons, muitas vezes nós não estamos entregues à oração. [...] Aqueles que abandonam a fé são aqueles que não se puseram de joelhos, são aqueles que Deus lançou ao chão, e eles se recusaram a se dobrar em clamor. [...] se ele reclinasse a cabeça diante do Senhor (MARTINS, 2020, p. 73-74, grifo nosso).

Outro elemento usado para comparação é o da questão da luta para alcançar uma conquista. O tema da aprovação do cristão ao passar por momentos de sofrimento é abordado com uma representação da imagem de vitória. O autor compara, metaforicamente, a aprovação do cristão com aquela relacionada a provas muito comuns do cotidiano brasileiro: a entrada na faculdade e em um concurso público. Isto, ao mesmo tempo, cria uma similaridade entre os sentidos de cada

palavra, da aprovação divina como sendo semelhante à aprovação terrena, e cria também uma espécie de comparação, em que a aprovação relacionada à vida do cristão entra em contraste com esta outra, já que a primeira não garante a aprovação da segunda, das coisas terrenas, mas garante a da vida eterna (MARTINS, 2020, p. 78).

O tema de conquista também perpassa a questão das práticas esportivas, como por exemplo, quando é destacada, no texto, a noção de passar pelo sofrimento como se estivesse em uma batalha, em que as palavras “batalha”, “round” e “nocaute” servem de representação da metáfora sobre a aprovação:

Você não vai perder essa batalha, você não vai precisar sequer ir até o último round. Estamos falando de um nocaute nas forças do inimigo. Deus dá com generosidade a sabedoria para saber permanecer na fé durante a provação, [...] (MARTINS, 2020, p. 74, grifo nosso).

Um outro aspecto interessante é o uso de elementos da natureza para a comparação das situações em que o sofrimento ocorre. Assim, no trecho, apresentado abaixo, o raciocínio identificado é o de que a fé se opõe à dúvida, logo, aquele que duvida não possui firmeza na fé. Observa-se, assim, a utilização de um símile, como introdução do pensamento, seguido de alguns elementos metafóricos, os quais, juntos e de forma complementar, ressaltam as diferenças entre a pessoa que, na chegada do sofrimento, não age com fé, mas de acordo com as circunstâncias, e aquela que age por meio de sua fé. Assim, as palavras destacadas remetem à ideia da incerteza, demonstrada pela onda do mar (em contraste com a rocha), e a do sofrimento, representada pela intensidade do vento:

A fé não duvida da bondade de Deus em meio ao sofrimento porque quem duvida não tem firmeza, quem duvida é como a onda do mar – o vento da provação bate e essa pessoa é levada pelo fluxo das circunstâncias. É provável que você conheça alguém, ou até seja essa pessoa que, se o vento está conduzindo para um caminho tranquilo, ela vai para a igreja todo domingo, mas se as coisas ficam difíceis, ela some; se a brisa bate positivamente, então ela continua contribuindo financeiramente para o reino de Deus, mas se o vendaval chega, ela se torna uma pessoa mesquinha. Devemos ser como a rocha, não como a onda, impelida e agitada pelo vento. Se o vento sopra a favor, ele permanece, mas se o vento sopra para o outro lado, ele vai embora (MARTINS, 2020, p. 76, grifo nosso).

O tema da morte também é apresentado por meio de uma metáfora, representado pela palavra “humilhação”, mais uma vez, na ideia de batalha, a qual o

homem não consegue vencer: “Esta vida passa muito depressa e a morte é a humilhação que alcança todos os homens” (MARTINS, 2020, p. 77, grifo nosso).

Quando o autor pretende falar sobre o tema da sedução do pecado, que seria um obstáculo para a aprovação do cristão por Deus durante o sofrimento, ele apresenta uma metáfora que relaciona esta sedução à “isca” utilizada na prática da pesca, comumente utilizado na linguagem popular com o mesmo sentido de “armadilha”:

Temos uma isca de pecado durante o sofrimento, olhamos para a possibilidade do pecado durante a dificuldade, e aquilo parece nos seduzir, mas, quando mordemos, é uma isca que nos arrasta (MARTINS, 2020, p. 80, grifo nosso).

Da mesma maneira, este tema também recebe algumas outras exemplificações metafóricas, como a relação estabelecida entre a questão da sedução do pecado e a forma como a cobra se comporta: “Nós criamos a cobra que vai nos morder, nós somos mortos em nossos próprios delitos e pecados” (MARTINS, 2020, p. 80, grifo nosso). Outro exemplo é o da apresentação da “sedução” como o “ouvir a voz do próprio coração” (MARTINS, 2020, p. 80, grifo nosso).

Além disso, não somente elementos da vida comum do ser humano são apresentados em forma de comparações para a caracterização do sofrimento, mas há também a presença de elementos relacionados ao cotidiano vivenciado durante a pandemia causada pela doença do coronavírus. Não somente na dimensão das palavras, mas na dimensão da ideia do texto em si (FIORIN, 2014, p. 35), a forma como o sofrimento é apresentado, na área da saúde, na área financeira, na área relacional e na área psicológica, exhibe, metaforicamente, exemplificações contextuais do sofrimento, como dificuldades especificamente vivenciadas durante a pandemia:

Passamos por provações na área da saúde porque corremos o risco de pegar uma doença altamente infecciosa. Passamos por provações na esfera financeira porque a empresa em que trabalhamos simplesmente não está conseguindo abrir as portas (e os clientes não aparecem, porque não saem de casa), então os colaboradores são demitidos. Passamos por provações na área relacional porque não conseguimos ver quem amamos. Passamos por provações na área psicológica porque estamos trancados em casa com medo e preocupados. Começamos a ser provados nas mais diversas áreas ao mesmo tempo (MARTINS, 2020, p. 65).

Em alguns trechos, o autor deixa ainda mais explícita a relação entre o sofrimento e a pandemia:

Quando o sofrimento vier, quando a pandemia nos tocar mais intensamente, por exemplo, precisamos ter acumulado recursos para os dias maus, e não são só recursos financeiros, mas também de sabedoria e perseverança (MARTINS, 2020, p. 72, grifo nosso).

Em relação à área financeira no período pandêmico, o autor até chega a estabelecer uma espécie de metáfora na demonstração do fato de que, enquanto uns sofrem, outros se aproveitam do sofrimento para enriquecer:

O sofrimento tem afetado as nossas finanças. Nesta quarentena, alguns estão falindo e empobrecendo, enquanto outros têm ganhado dinheiro; enquanto uns choram, outros vendem lenço (MARTINS, 2020, p. 76, grifo nosso).

Além disso, em alguns trechos, o autor utiliza, metaforicamente, uma linguagem hospitalar, fato que pode estar atrelado ao contexto da epidemia do coronavírus, para estabelecer a relação do sofrimento, como no caso seguinte:

O sofrimento é um raio x: ele revela se temos ou não a sabedoria que vem de Deus. O sofrimento expõe quem realmente somos – é uma prova para mostrar do que temos falta (MARTINS, 2020, p. 73, grifo nosso).

Outro exemplo de metáfora encontrado é o trecho em que há a personificação do vírus, o qual adquire a capacidade de acabar com tudo aquilo que é terreno e material: “Às vezes sofremos de forma muito intensa na pandemia porque projetamos a nossa identidade em tudo aquilo que o vírus pode tirar” (MARTINS, 2020, p. 77). Mais adiante, além de o vírus receber atribuições humanas, o autor também estabelece uma relação dele com a comparação entre a vida terrena e a vida eterna: “O vírus pode tirar a vida terrena, mas ele não tira a vida eterna que nos é dada pelo Senhor com uma coroa” (MARTINS, 2020, p. 78).

Além de apresentar metáforas de criação própria, o autor explica e também ressignifica, para o contexto da pandemia, a metáfora bíblica encontrada no livro de Isaías, capítulo 40, que fala sobre como as riquezas não são suficientes para salvar o rico do sofrimento:

O rico murcha em seus caminhos – e a ideia de “em seus caminhos” parece ser “durante os seus caminhos”, como se o rico murchasse durante os seus negócios enquanto está ganhando o seu dinheiro, tentando sobreviver durante a pandemia. Mesmo quando as coisas parecem ir bem em situações de calamidade, ele murcha, acaba, morre enquanto trabalha (MARTINS, 2020, p. 78, grifo nosso).

Neste sentido, a ideia de “rico” é utilizada não como estabelecimento literal de uma pessoa que, de fato, possui uma grande quantidade de bens materiais, mas para simbolizar um indivíduo que deposita as suas forças, esperança e alegria nas riquezas terrenas, sejam ricos ou pobres. Assim, a expressão “murchar em seus caminhos” remete à ideia de morrer ou de se desgastar, em que o indivíduo estaria se enganando, dia após dia, em seus próprios caminhos, não somente nas situações ou dificuldades cotidianas, mas, nesta aplicação mais ampla feita pelo pastor, também durante uma situação de calamidade específica, como a pandemia.

3.4.2 Em “O Espetáculo do Sofrimento”

Neste sermão, a utilização dos recursos da metáfora e do símile é manifesta de forma um pouco diferente. No geral, o texto pretende apresentar o sofrimento como um elemento de proximidade com a vida cristã. O próprio título serve como metáfora, uma vez que o espetáculo representa uma situação em que a atenção é chamada totalmente para um objeto determinado, que é, neste caso, o sofrimento.

No centro deste palco, então, segundo o autor, estaria a figura de Jesus, símbolo maior de sofrimento na narrativa bíblica, já que Deus o teria entregue, como sendo seu único filho, para sofrer e morrer na cruz por amor de seus escolhidos, como é relatado em João 3.16 (BÍBLIA, 2010):

Os irmãos perseguidos passaram por isso, mas pense nisto: essa não foi exatamente a experiência de Cristo Jesus? Alguém que foi humilhado diante das forças políticas, humilhado através do sofrimento físico, humilhado com zombaria enquanto as pessoas gritavam contra suas capacidades, diziam que ele estava chamando a Elias e o desafiavam a descer da cruz. Ele foi tratado como se fosse lixo, carniça, chorume. A experiência do Cristo é a experiência de alguém que foi feito espetáculo por nós. Jesus sofreu como em um palco diante do universo para que pudéssemos, ao participar do seu sofrimento, participar também da sua salvação.

O caráter do sofrimento, então, é apresentado como sendo intrinsecamente ligado à essência da conversão ao cristianismo. Um dos primeiros trechos que

apresenta este vínculo é aquele em que o autor relaciona a história bíblica com o sofrimento dos cristãos atuais: “eles sofreram a partir do momento que creram, porque muitas vezes a crença em Cristo é marcada pelo sofrimento em Cristo” (MARTINS, 2020, p. 85). Logo depois, uma metáfora também é utilizada para representar esta inerência do sofrimento ao cristianismo: “[..] o sofrimento vem a reboque com a conversão” (MARTINS, 2020, p. 86, grifo nosso).

Em seguida, o autor especifica a questão do sofrimento, trazendo, para o leitor, exemplificações mais próximas do seu cotidiano e de sua realidade, além de se direcionar ao próprio leitor, no intuito de que o discurso proferido possa se tornar ainda mais real e vivo para ele:

Quantos de vocês, ao crerem, foram rejeitados por amigos, parceiros, cônjuges, foram prejudicados em ambientes acadêmicos e profissionais, talvez dentro da própria família? Quando cremos, sofremos, somos perseguidos, humilhados e ultrajados (MARTINS, 2020, p. 86, grifo nosso).

Da mesma forma, para reforçar este vínculo entre o cristão e o sofrimento, são apresentados, ainda, verbos que se transformam em metáforas para a demonstração da essência do cristianismo com um caráter da dor, como “nascer”, “ser criado” e “ser salvo”. Além disso, a apresentação de Deus como um ser que participou do sofrimento também aproxima esta relação:

[...] nós deveríamos nos sentir muito à vontade durante os sofrimentos, porque nascemos nele, somos criados nele, somos salvos ao de adorar um Deus que sofre (MARTINS, 2020, p. 86, grifo nosso).

Em continuação, para demonstrar que existe, no pensamento das pessoas em geral, um tipo de sofrimento pela perseguição ao cristianismo, o autor traz algumas comparações cotidianas que aproximam o tema da vida do leitor contemporâneo, utilizando exemplos das áreas psicológica, pedagógica, política e religiosa:

Vivemos em um mundo em que as pessoas acreditam que se levantar contra o cristianismo é uma coisa honrosa. Psicólogos acreditam que cuidar bem de seus pacientes é livrá-los das amarras religiosas. Vivemos em um mundo em que pedagogos acreditam que ser bons professores é livrar os alunos, as crianças, da fé que os pais ensinam. Políticos acreditam que cuidar bem da sociedade é excluir toda a religião da esfera pública. Muçulmanos acreditam que o bem geral é arrancar as nossas cabeças e pendurar em estacas. As pessoas acreditam que estão fazendo o bem ao nos perseguir (MARTINS, 2020, p. 87, grifo nosso).

A fim de aproximar o instrumento da fé e a questão do sofrimento, observa-se a escolha do autor por palavras que representam, metaforicamente, o sofrimento por meio da ideia de centralidade, como no caso de “redemoinho”, “palco” e “espetáculo”:

A verdade é que a fé te coloca no redemoinho da dor justamente para que, nesse palco de sofrimento, você encontre um caminho ainda mais próximo de Deus. [...] Somos marcados pela dor e pelo sofrimento desse grande espetáculo que é vivido diante do mundo. (MARTINS, 2020, p. 88, grifo nosso).

Da mesma forma, a questão do pensamento humano sobre o sofrimento é representada pela situação de uma apresentação de fato, em que as palavras “palco”, ou “foco da luz”, e “plateia” demonstram a relação entre a aflição e a percepção do indivíduo que sofre em relação às pessoas ao redor dele, respectivamente:

Esquecemos que alguém está cuidando de nós e só acreditamos que há toda uma plateia gargalhando de quem está no foco da luz no palco da dor. O sofrimento nos faz achar que todo o mundo gira à nossa volta e que todo o universo está zombando da nossa agonia (MARTINS, 2020, p. 88, grifo nosso).

Assim como no sermão anterior, o autor também escolhe metáforas relativas à rotina de uma situação de velório, mas, desta vez, para representar o sentimento de falta de consideração e empatia durante o sofrimento, considerando-se a perseguição relatada no texto bíblico que serve de base para o sermão:

Aqueles cristãos foram colocados diante do mundo para morrerem. Não havia ninguém segurando a mão deles, não havia um senso de luto e de respeito, não havia aquela postura reverente do coveiro [...] Mas para esses cristãos não havia isso, eles morriam enquanto as pessoas riam (MARTINS, 2020, p. 88, grifo nosso).

Quando o autor apresenta o sofrimento de Jesus como o sofrimento máximo da narrativa bíblica, ele não só elimina a ideia do sofrimento humano como central, colocando-o “no fundo do palco” no lugar em que “Jesus é o personagem principal” (MARTINS, 2020, p. 88), mas também apresenta, de forma metafórica, algumas expressões comumente utilizadas com a noção de centralidade, como “holofote”, “universo”, “girar em torno” e “canhão de luz”, para associar o sofrimento principal à Jesus, como no trecho:

Não ache que, no seu sofrimento, todos os holofotes estão em você. Não faça com que o seu sofrimento te leve a pensar em um universo que gira em torno da sua dor e que todos deveriam estar dando mais atenção ao quanto machuca. Lembre-se de que você está no fundo do palco; os canhões de luz estão apontados para uma cruz em cima do Gólgota, onde Cristo sofreu, onde Cristo foi humilhado, onde Cristo foi insultado, onde Cristo foi maltratado (MARTINS, 2020, p. 89, grifo nosso).

Mais adiante, ao apresentar a dualidade entre os bens terrenos e os espirituais, o autor utiliza metáforas com exemplos do cotidiano que representam esta relação, como no caso da diferença entre a intensidade do sofrimento pela perda de uma quantia pequena de dinheiro, quando ela não é significativa, para quando ela é muito significativa:

Ora, se você perde cinquenta reais na rua, mas você sabe que tem um milhão guardado na conta, você não chora por aquele dinheiro perdido. Você chora pelos cinquenta reais quando isso é todo o dinheiro que você tem (MARTINS, 2020, p. 94).

O sofrimento também é comparado, por meio de um símile, a uma escada, a qual, apontando para a direção de cima, leva o indivíduo para a alegria, para estar mais perto do ser divino: “Quando o sofrimento nos aponta para isso, ele se mostra como apenas uma escada para nossa alegria, para estarmos perto do Senhor” (MARTINS, 2020, p. 92).

De forma parecida, o sofrimento é metaforicamente comparado a “flechas afiadas e pontiagudas”, termo que remete ao artifício utilizado para machucar fisicamente um oponente: “[...] você já foi tocado pelas flechas afiadas e pontiagudas da dor, da catástrofe, da miséria, do sofrimento, da doença, da morte” (MARTINS, 2020, p. 93).

Em relação, especificamente, ao sofrimento no contexto da epidemia do coronavírus, o autor utiliza algumas metáforas e comparações que lembram termos utilizados neste contexto. Em determinado momento do sermão, por exemplo, é possível notar não só a utilização das palavras “leitos” e “respiradores”, que remetem ao contexto hospitalar amplamente divulgado na pandemia, mas também a apresentação do assunto da alegria, durante o sofrimento, na dualidade entre questões terrenas e espirituais. Nesse sentido, o caráter espiritual sobressai o terreno, com a representação do coronavírus como elemento terreno: “A nossa alegria está

onde o coronavírus não chega, está onde não há necessidade de leitos ou de respiradores” (MARTINS, 2020, p. 92).

Mais adiante, o autor cria, novamente, outra metáfora para esta questão, a qual, em cada nova sentença, de forma peculiar, transforma-se gradativamente em três tipos de pensamentos que se juntam em um único significado, tornando a metáfora ainda mais rica de significação comunicativa. Nesse sentido, são apresentados três elementos relacionados, por meio da similaridade, à questão da alegria espiritual, nas palavras “saúde”, “vida” e “tesouro”, e outros três relacionados às questões terrenas, nas palavras “vírus”, “caos de saúde pública” e “recessão econômica”, os quais não serviriam de obstáculo a esta alegria:

Nós temos uma saúde que vírus nenhum pode corromper; nós temos uma vida que nenhum caos de saúde pública pode matar; temos um tesouro que nenhuma recessão econômica pode destruir (MARTINS, 2020, p. 94).

Não muito diferente, o autor metaforiza o próprio coronavírus, caracterizando-o como um “ser microscópico”, o qual pode, facilmente, suprimir a alegria gerada pela aquisição de bens terrenos. Assim, ele enfatiza a relação entre o acúmulo de bens materiais e a irrelevância da pequenez do vírus, o qual acaba por se tornar algo mais do que significativo: “Talvez o seu tesouro ainda não seja aquele que é espiritual, mas ainda é aquilo que você pode acumular nesta vida de palha que um ser microscópico leva” (MARTINS, 2020, p. 94, grifo nosso).

Em relação à questão do isolamento social, o autor também traz uma relação metafórica gradativa, que relaciona o tempo com o sofrimento do cristão. Na metáfora, um mês de aflição por causa do isolamento se torna um tempo curto se comparado a uma vida inteira repleta de outros sofrimentos, os quais também são momentâneos caso sejam comparados a uma glória vindoura de valor eterno: “Se você acha que um mês isolado em casa é muita coisa, saiba que uma vida de provação é leve e momentânea, porque existe um peso de glória que é eterno”. Desta forma, o sofrimento presente “em Cristo” é comparado ao ato de acumular “um eterno peso de glória” (MARTINS, 2020, p. 95).

3.5 ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE

Ao todo, nos dois sermões de Yago Martins, foram encontrados, para esta análise, 59 indícios de intertextualidade em relação ao tema do sofrimento, sendo 40 deles referentes ao enredo bíblico (ANEXO A e B), 17 referentes a elementos contextuais (ANEXO C e D) e 2 referentes a sermões em outros contextos pandêmicos. Para uma análise mais sucinta, será apresentada uma descrição geral sobre os três tipos de referências percebidos nos dois sermões propostos.

3.5.1 Intertextualidade com textos bíblicos

Os primeiros, e os mais perceptíveis, vestígios de intertextualidade bíblica são os textos básicos de cada sermão: em Tiago 1.2-18 e Hebreus 10.32-39, respectivamente. Estes consistem, assim, no texto principal para interpretação, exposição, sanção e delimitação de uma verdade divina aos leitores do sermão (HOPPIN, 1883, p. 294-295), seja na apresentação de um modelo espiritual para passar pela experiência do sofrimento, como no primeiro sermão, seja na apresentação do sofrimento como fundamento para a perseverança do cristão, como no segundo. Isto, na aplicação desta verdade, pelo discurso, tanto no âmbito geral quanto no contexto da pandemia.

Ao longo dos dois sermões, também são encontrados outros traços de intertextualidade, de forma a fazer referência tanto a histórias de personagens bíblicos, que passaram por momentos de intenso sofrimento, quanto a outros textos bíblicos que apresentam o mesmo tema ou contexto.

No quarto sermão, uma das menções percebidas é ao personagem de Jó, principalmente porque o próprio texto de Thiago, utilizado como base pelo pregador, parece referenciá-lo. Observa-se, no trecho a seguir, que o exemplo de Jó, homem conhecido por perder tudo o que tinha sem perder a fé em Deus, é assumido, pelo autor, como um modelo de postura no processo da dor:

Tiago parece novamente fazer uma alusão a Jó, que em nada pecou no meio da provação, e ele não pecou porque ele não culpou o Senhor, e sim entendeu que o mal veio da mão de Deus, mas o pecado era algo que ele deveria rejeitar em seu coração (MARTINS, 2020, p. 79).

Outros trechos bíblicos também são mencionados com o intuito de comparação entre o sofrimento presente do contexto da pandemia e a visão do tema do sofrimento

na Bíblia, atribuindo, assim, um caráter específico ao sofrimento no texto. Um exemplo é o caso da referência explícita à 1 Pedro 1.6-7, em que as “provações” são apresentadas como oportunidade de confirmação da fé no divino:

Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo (BÍBLIA, 2010, grifo nosso).

Ainda, no caso da menção de Filipenses 1.29, o sofrimento, enfrentado por causa de Jesus Cristo, é visto como dádiva:

Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele, pois tendes o mesmo combate que vistes em mim e, ainda agora, ouvis que é o meu (BÍBLIA, 2010, grifo nosso).

Outro exemplo é a menção de Romanos 5.3-4, em que o sofrimento é valorizado como um processo que leva à esperança:

E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança (BÍBLIA, 2010, grifo nosso).

Além disso, ao mencionar também a passagem de Marcos 15.34, o autor estabelece uma relação entre o sofrimento humano e o sofrimento de Cristo, colocando Jesus como exemplo máximo do sofrimento, seja no reconhecimento de sua dor, como sendo a mais profunda na história da humanidade, seja na imitação de seus comportamentos durante as dificuldades, inclusive em calamidades:

Ele foi quem Deus enviou para sofrer por nós e ele sofreu firme no Senhor e, mesmo se sentindo abandonado por Deus na cruz (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” – Mc 15.34), ele não desamparou Deus e entregou o seu espírito ao Senhor. Mesmo em tempos de calamidade, precisamos imitar o comportamento de Cristo, mas também receber do comportamento de Cristo o seu sacrifício perfeito, a sua entrega perfeita que garantiu a todos nós um caminho de comunhão e paz com Deus (MARTINS, 2020, p. 82).

Já no quinto sermão, a menção ao episódio bíblico do sofrimento de Jesus diante da crucificação é posta como ponto central, uma vez que o Cristo seria aquele

que “foi feito espetáculo” para os cristãos (MARTINS, 2020, p. 89). Assim, não somente em seu sofrimento na cruz, mas também em sua ressurreição e salvação, os seres humanos podem encontrar refúgio durante as tragédias da vida: “Podemos encontrar força durante os sofrimentos passivos que recebemos, porque somos colocados em um palco onde Jesus é o personagem principal” (MARTINS, 2020, p. 89).

As referências às passagens de Filipenses 1.29, Romanos 8 e Atos 5 apresentam a relação entre a questão do sofrimento no texto bíblico básico de Hebreus e as definições propostas por estes outros autores. No livro de Filipenses, a experiência da dor é tida como um privilégio: “Para Paulo, sofrer em Cristo é uma regalia. Apenas crer em Cristo é bom, mas crer e sofrer são privilégios que Deus nos dá” (MARTINS, 2020, p. 86). Em Romanos, o sofrimento assume um caráter hereditário: “O sofrimento marca a nossa herança; seremos glorificados com Cristo porque sofremos com Cristo” (MARTINS, 2020, p. 87). Já em Atos, um texto que descreve um ato de perseguição contra os apóstolos de Jesus, o sofrimento é colocado como um processo representativo ao próprio cristianismo: “O cristianismo encontra alegria no sofrimento, porque o cristianismo é marcado por sofrimento desde o seu início histórico, na Galileia, e desde o seu início em nós, na conversão” (MARTINS, 2020, p. 87).

A referência explícita ao texto de 1 Pedro 1.3-7 também é de suma importância, uma vez que, segundo o pregador, o texto bíblico de Hebreus, base para o sermão, parece resumir o texto de 1 Pedro: “A impressão que temos é de que o autor aos hebreus, no verso 38, está resumindo 1Pedro 1.3-7, em que a ideia é que nós permanecemos [...] mediante a fé” (MARTINS, 2020, p. 97).

Da mesma forma, é possível observar uma referência, mesmo que implícita, ao texto de Romanos 8.31-37 quando, próximo à conclusão do sermão, o autor relaciona a certeza da salvação e do amor de Deus à força para enfrentar o sofrimento, dizendo:

A certeza de que nada nos separará do amor de Deus faz com que possamos enfrentar a morte, a tribulação, o fogo, a espada, as alturas e as profundidades com uma força que não está disponível para aquele que teme, a cada segundo, estar apartado de Deus. (MARTINS, 2020, p. 98).

Na última frase da fala do pregador no sermão, a frase “O Deus deles é o meu Deus” (MARTINS, 2020, p. 99) remete à fala encontrada no livro de Rute, capítulo 1, versículo 16, em que Rute, mulher estrangeira do povo de Deus, encontrada na história do Antigo Testamento, profere à sua sogra, pela qual havia abandonado tudo a fim de segui-la em um momento de luto: “O seu povo é o meu povo, e o seu Deus é o meu Deus” (BÍBLIA, 2010). A intertextualidade, aqui, apresenta a conclusão do pensamento do autor:

Nós atraímos pessoas a Cristo quando nas dificuldades nós manifestamos uma alegria que conta para os outros que nós não somos deste mundo. É aí que o mundo vai olhar e poder dizer: ‘O Deus deles é o meu Deus (MARTINS, 2020, p. 99).

3.5.2 Intertextualidade com elementos contextuais

Quanto às referências a elementos contextuais (HOPPIN, 1883, 360-361), sejam eles associados a épocas históricas antigas ou presentes, a situações pessoais ou coletivas, ao campo religioso ou não, é notório que são apresentadas de forma diversa nos dois sermões, com o intuito de enriquecer o momento de explicação, em que o autor desenvolve uma construção de pensamento integral, não só elucidando as passagens bíblicas, mas as ressignificando por meio de situações fora do contexto bíblico, criando um modelo de representação prática na mente do leitor (SAMUELSSON, 2008, p. 30-31).

No quarto sermão, as menções aos discursos de pregadores prestigiados no meio protestante, como os de John Piper e Paul Washer, ressignificam o tema da experiência do sofrimento, apresentando-o como parâmetro para o que seria uma boa pregação, em referência ao primeiro pregador, e como revelação da verdadeira identidade humana, em referência ao segundo.

De forma semelhante, a menção ao neuropsiquiatra Viktor Frankl e ao seu pensamento de que “o sofrimento, de certa forma, cessa de ser sofrimento quando encontra um significado” (MARTINS, 2020, p. 70), cria a impressão de um exemplo de autoridade no discurso, principalmente por causa da utilização de uma “ilustração científica”, bem como direciona o leitor à compreensão de uma definição específica

para o sofrimento, aproximando-a à noção bíblica do termo (HOPPIN, 1883, p. 361, tradução nossa).

No quinto sermão, além de mencionar, novamente, o pregador John Piper, ao trazer o seu vídeo “O Evangelho em 6 minutos” como exemplificação do sofrimento na vida cristã, o autor também expõe o contexto histórico do espetáculo, em Roma, no Coliseu, fato que aproxima o leitor do sofrimento trágico dos cristãos daquela época, além de servir de inspiração para o título do sermão (HOPPIN, 1883, p. 360-361).

Igualmente, relatos de pessoas que morreram por causa da manifestação prática de sua fé, como nos casos da menção a uma matéria da revista *Veja*, durante a pandemia (MARTINS, 2020, p.90), e a uma história de 2015 sobre o sequestro de cristãos pelo Estado Islâmico (MARTINS, 2020, p. 91), bem como a menção à doutrina calvinista da perseverança dos santos (MARTINS, 2020, p. 98), atualizam o tema da discussão sobre a experiência da dor para a perseverança e por um propósito maior, ainda mais especificamente em relação ao sofrimento durante os momentos difíceis causados pela pandemia.

Assim, a dor sentida durante as experiências do isolamento, da doença e da morte é associada à dor daqueles que tinham um “espírito de mártir” antigamente, sofrendo “em nome de Jesus” (MARTINS, 2020, p. 98-99).

3.5.3 Intertextualidade com outros sermões

Em relação à menção a outros sermões, de épocas diferentes, produzidos em contextos pandêmicos semelhantes, percebe-se a utilização da citação dos trechos logo após a conclusão do sermão em questão. Nesse sentido, no quarto sermão, o autor menciona o seguinte trecho de “This is the Finger of God!” [Este é o Dedo de Deus!], de J. C. Ryle:

Vamos considerar, em primeiro lugar, de onde vem a praga do gado? Eu respondo, sem hesitar, que vem de Deus. Aquele que ordena todas as coisas no céu e na terra – aquele por cuja providência sábia tudo é dirigido, sem o qual nada pode acontecer – ele que enviou esse flagelo sobre nós. É o dedo de Deus. [...] Quem enviou o dilúvio ao mundo nos dias de Noé? Foi Deus (Gn 6.17). Quem enviou a fome nos dias de José? Foi Deus (Gn 41.25). Quem enviou a praga no Egito, especialmente a praga no gado? Foi Deus (Êx 7.5; 9.3). Quem enviou

doenças aos filisteus quando a arca estava entre eles? Foi Deus (1Sm 5.7; 6.3-7). Quem enviou a pestilência nos dias de Davi? Foi Deus. (2Sm 24.15). Quem enviou a fome nos dias de Eliseu? Foi Deus (2Rs 8.1). Quem enviou o vento tempestuoso e a tempestade nos dias de Jonas? Foi Deus (Jn 1.4). [...] Dizer que se originou nas planícies da Rússia, que não é uma doença nova, mas uma doença antiga, que causou grandes danos nos dias passados – tudo isso está escapando da questão. Peço que digam: por que isso chegou sobre nós agora? Como e de que maneira o surto pode ser contabilizado neste período específico? Que causas possíveis podem ser designadas para ele que não existem há centenas de anos? Eu acredito que essas perguntas não podem ser respondidas. Acredito que a única causa a que devemos chegar finalmente é o dedo de Deus (MARTINS, 2020, p. 83).

De forma parecida, ao final do quinto sermão, ele menciona o seguinte trecho de “The Voice of the Cholera” [A Voz da Cólera], de Charles Spurgeon:

Por outro lado, é ainda mais comum que aqueles que buscam apenas causas naturais zombem dos crentes que veem a doença como um flagelo misterioso da mão de Deus. Admite-se que seria uma tolice negligenciar os meios indicados para evitar a doença, mas menospreze quem puder, acreditamos que é igualmente um ato de loucura esquecer que a mão do Senhor está em tudo isso. A maneira singular como esta doença se apodera frequentemente de pessoas improváveis e se afasta do caminho esperado deve nos mostrar que existe uma mão invisível que dirige seu circuito sombrio. Deixe o homem sábio trabalhar abaixo, mas conserte sua esperança acima; deixe-o purificar e expurgar os focos da morte, mas espere que o senhor e soador da vida tenha sucesso em todas as suas ações. [...] Cremos que Deus envia todas as pestilências, seja a forma como venham, e que ele as envia com um propósito, sejam elas removidas como forem; e concebemos que é nosso dever como ministros de Deus chamar a atenção das pessoas para Deus na doença e ensinar-lhes a lição que Deus gostaria que aprendessem (MARTINS, 2020, p. 100).

Para que se entenda, então, o propósito do autor ao fazer referência a estes dois trechos, faz-se igualmente necessário considerar o contexto de produção dos dois sermões, já que cada um deles serve de exemplificação final do discurso, a fim de cumprir um dos objetivos da pregação: persuadir o leitor quanto à compreensão da aproximação entre o sofrimento humano, neste caso o de tempos de calamidade e doenças, e a vontade divina, para que o sujeito esteja em harmonia com a Palavra de Deus (HOPPIN, 1883, p. 252).

Nesse sentido, observa-se que a situação calamitosa na qual John Charles Ryle elaborou o seu sermão foi o surto de peste bovina, doença animal infecciosa gravíssima, que ocorreu na Inglaterra em 1865 (O ESTANDARTE DE CRISTO, 2020).

De forma semelhante, o cenário catastrófico vivido por Charles Spurgeon constituiu o terceiro grande surto de Cólera (SPURGEON, 1866), mais especificamente o ocorrido durante o ano de 1854, o considerado pior ano da pandemia, na Broad Street em Londres, no qual 23.000 pessoas morreram da doença na Grã-Bretanha (CHOLERA'S SEVEN PANDEMICS, 2008).

Os dois trechos constituem, então, fragmentos literários que narram as tragédias testemunhadas pelos autores, as quais transportam elementos contextuais, provenientes de sua própria época, para o sermão (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66-67). Tanto Ryle quanto Spurgeon apontam Deus como o responsável por enviar a pestilência aos homens. Entretanto, esta responsabilidade é tida não como forma de culpabilizar o próprio Deus, mas como fruto da soberania divina, tornando-se o sofrimento uma dádiva aos seres humanos.

Desta forma, por associação, os dois sermões de Martins, quando apresentam tais trechos em sua conclusão, resgatam e assumem o mesmo discurso em relação ao contexto da pandemia do coronavírus.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da elaboração desta pesquisa, foi possível compreender os conceitos da literatura de sermão e dos recursos da metáfora, comparação e da intertextualidade, assim como discutir o tema do sofrimento em relação às perspectivas de alguns autores e aplicá-lo ao contexto do sermão.

Observou-se como a literatura expõe e expressa as situações, os valores, os princípios e a forma como o ser humano lida com os acontecimentos ao seu redor em uma determinada época e contexto, principalmente aqueles que envolvem o sofrimento, a tragédia e a catástrofe, por causa do seu grande e intenso impacto na vida das pessoas. Por sua vez, percebeu-se como o sofrimento, circunstância intrínseca e inerente à vida humana, possibilita a construção de um propósito de vida e transforma, de formas diferentes e em níveis diferentes, aqueles que passam por ele.

Descobriu-se, também, como o sermão, considerando-se a sua organização estrutural e textual e o seu valor religioso, social e literário, possibilita não somente discussões acerca do tema do sofrimento em relação ao divino, mas também a sua apresentação, definição e explicação de forma a criar ideias e crenças, nas quais as pessoas podem passar a acreditar que sejam verdadeiras, afetando o modo como elas concebem e enfrentam a dor. Além disso, ao abordar o sofrimento específico de determinada época, o sermão se torna um texto de testemunho histórico da dor de uma sociedade, fundamental para a trajetória da literatura, seja mundial ou nacional.

Nesse sentido, por meio da análise da estrutura e do conteúdo dos dois sermões contemporâneos e nacionais, “Cinco Passos Na Estrada Da Dor” e “O Espetáculo Do Sofrimento”, de Yago Martins, foi possível observar como o sofrimento é abordado, ao mesmo tempo, de forma semelhante e peculiar, já que são exploradas tanto a conceituação do sofrimento, fundamentada no texto bíblico, quanto a maneira pela qual ele foi experienciado na sociedade no contexto particular da pandemia do coronavírus.

Depreendeu-se, então, por meio da observação e análise dos recursos da metáfora, da comparação e da intertextualidade, seja por elementos relacionados ao âmbito religioso ou não, que os dois sermões propuseram uma retomada aos

conceitos e uma interpretação do sofrimento tanto de forma geral, como inerente ao ser humano, quanto de forma específica, como ressignificação da dor por meio da experiência recente dos impactos causados pela doença do coronavírus nas mais diversas áreas da vida.

Os dois sermões revelam, assim, a abordagem de elementos metafóricos que retratam o sofrimento cotidiano geral e também a experiência dolorosa em relação às consequências da pandemia. Eles exemplificam a narrativa proferida com situações muito próximas ao leitor, facilitando a sua recepção acerca do discurso do texto, proporcionando identificação e consideração de questões como o que é e como se deve pensar e proceder durante os momentos de sofrimento.

Não muito diferente, também é perceptível a maneira como os sermões abordam o tema do sofrimento por meio do recurso da intertextualidade, seja na utilização do próprio texto bíblico, que fundamenta o seu discurso, seja no relato de situações contextuais, exemplificando-o com elementos externos ao âmbito sagrado, seja na retomada da mensagem sobre o sofrimento presente em outros sermões, possibilitando a observação de outros textos em contextos pandêmicos semelhantes que, sendo inseridos no corpo textual dos sermões em análise, acabam por auxiliar na reafirmação do seu próprio discurso.

Desta forma, alcançou-se, pela análise, a compreensão de que o tema do sofrimento, abordado nos dois sermões, apresenta um caráter divino e redentor que considera a dor humana não só como reflexo de sua própria natureza e da soberania de Deus, mas que, ao contrário de uma experiência incoerente e absurda, produz significado, propósito, transformação e esperança aos sofredores. Considerando-se, ainda, o contexto pandêmico, foi possível perceber como o tema do sofrimento é retratado tanto por meio da valorização desta conceituação quanto pelo seu caráter cotidiano e ordinário, uma vez que a experiência dolorosa, da doença e de suas consequências, não somente impactou a realidade global, mas transformou, profundamente, os detalhes da vida comum de cada indivíduo que a vivenciou.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Batista dos Santos et al. **Simonton como leitor da Bíblia**: uma análise dos seus sermões. Dissertação (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25303>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso da doença**. 2020. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/fevereiro/brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 07 maio 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde regulamenta medidas de isolamento e quarentena**: Descumprimentos das determinações podem acarretar em responsabilização do paciente. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-regulamenta-medidas-de-isolamento-e-quarentena>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BIBLIA. Português. In: A Bíblia sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Versão de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 1504 p.

BARUS-MICHEL, Jacqueline; CAMPS, Christiane. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínicas. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 4, n. 1, p. 54-71, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000100007. Acesso em: 07 maio 2022.

BEN-PORAT, Ziva. (1992). Poetics of the Homeric simile and the Theory of (Poetic) Simile. **Poetics Today**, Vol. 13, No. 4, Aspects of Metaphor Comprehension. pp. 737-769.

CARDOSO-SILVA, Emanuel. **Prática de leitura**: sentido e intertextualidade. Editora Humanitas, 2006.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Lisboa: 20 de junho de 2010. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/mimesis-mimese/>. Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

CHOLERA'S SEVEN PANDEMICS. **CBC News**, Canadá, 09 de maio de 2008. Science. Disponível em: <https://www.cbc.ca/news/science/cholera-s-seven-pandemics-1.758504>. Acesso em: 01 de dez. 2021.

COUTINHO, C. A. DE S. A Liberdade Humana e O Problema do Mal: O Pensamento Trágico de Dostoiévski. **Sapere Aude**, v. 6, n. 12, p. 755, 3 jan. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/10977>. Acesso em: 09 maio 2022.

COVID-19. Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). **Gis and Data**. 2021. Disponível em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 07 maio 2022.

DOIS DEDOS DE TEOLOGIA. **Nossa missão**: espalhar a boa teologia. Fortaleza, 2019. Meio eletrônico. Disponível em: <https://doisdosedoteologia.com/sobre-nos/>. Acesso em: 07 maio 2022.

EDWARDS JUNIOR, O.C. **A History of Preaching**. Abingdon Press, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt->

BR&lr=&id=6wf8CwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT16&dq=A+History+of+Preaching++2004&ots=j7EJBVutBI&sig=B90DK63Jx-KNSj-YfewsW30TxQM#v=onepage&q=A%20History%20of%20Preaching%20%202004&f=false. Acesso em: 07 maio 2022.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/6751/pdf/0>. Acesso em: 14 maio 2022.

FRANCISCO, Rosilene Gomes Ribeiro. **As metáforas do Sermão do Monte**: univocidade e plurivocidade. 2015. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/25475/Rosilene%20Gomes%20Ribeiro%20Francisco.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 12 mar. 2022.

FORTES, Isabel. O sofrimento como travessia: Nietzsche e a psicanálise. **Revista Epos 5**, no. 1 (2014): 99-111. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2014000100006. Acesso em: 19 mar. 2022.

HOPPIN, James Mason. **Homiletics**. Washington, D.C.: Funk & Wagnalls, 1883. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=uqEOAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 07 mai 2022.

LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução: Fancisco Nunes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento**. Tradução: Alípio de Franca Neto. 1ª ed. São Paulo: Vida, 2009.

MAULANA, Hutomo Atman. The Influence of Psychological Impact of Online Learning during Covid-19 on Student's Academic Achievement: A Case Study at Vocational Higher Education. **Psychocentrum Review**, v. 3, n. 1, p. 10-21, 2021. Disponível em: <https://www.journal.unindra.ac.id/index.php/pcr/article/view/560>. Acesso em: 13 nov. 2021.

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 345-356, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/HxrrqnNtNcfvGT5xQwbmNTf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.

MOURÃO, José Augusto. A homilia como gênero literário: Mestre Eckhart e a palavra nova. **Didaskalia**, v. 40, n. 2, p. 77-91, 2010. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2283>. Acesso em: 13 nov. 2021.

LIMA NETO, Manoel de Souza. **O mal e o sofrimento à luz da providência de Deus**: enxergando benefícios na dor. 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8000/xmlui/handle/BR-SIFE/139>. Acesso em: 5 mar. 2022.

O ESTANDARTE DE CRISTO. **Isto é o Dedo de Deus!**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://oestandardedecristo.com/2020/03/28/isto-e-o-dedo-de-deus/>. Acesso em: 9 abr. 2022.

PEIXOTO, Maria José; BORGES, Elisabete. O sofrimento no contexto da doença. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 6, p. 36-39, 2011. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/17855>. Acesso em: 26 mar. 2022.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal; MELO, Adoniran. **A Arte de Pregar um Sermão Expositivo**: Pesquisa & Púlpito. AD Santos Editora, 2017.

SAMOYAUULT, Tiphaine. Uma noção instável. In: SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008. p. 13-45.

SAMUELSSON, Jeferson Andre et al. **O sermão e seu locutor**: análise lingüística e reflexões sobre o labor homilético. 2008. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/43>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica**, v. 20, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 6 nov. 2021.

SPURGEON, Charles Haddon. The Voice of the Cholera. **Metropolitan Tabernacle Pulpit**, Newington, v. 12, n. 705, p. 445-456 1866. Disponível em: <https://www.spurgeon.org/resource-library/sermons/the-voice-of-the-cholera/#flipbook/>. Acesso em: 09 abr. 2022.

VASCONCELOS, Adriana; AZEVEDO, Marta. Suffering in End-of-Life Patients in the COVID-19 Era. **Acta Médica Portuguesa**, v. 33, n. 10, p. 707-707, 2020. Disponível em: <https://www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/viewFile/14639/6115>. Acesso em: 19 mar 2022.

VÍCTORA, C.G. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 3-13, dez. 2011. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/17376>. Acesso em: 19 mar 2022.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUADRO SOBRE OS ELEMENTOS DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM CINCO PASSOS NA ESTRADA DA DOR

Ordem	Página do livro	Elemento intertextual	Texto do livro	Modo
1	63	Tiago 1.2-18	<p>“Tiago estava escrevendo para cristãos em sofrimento”;</p> <p>“Por isso Tiago inicia o seu texto nos dando, já no capítulo 1[...]”.</p>	Explícito
2	63	Atos 8.1	“O seu público-alvo eram muito provavelmente os cristãos espalhados de Atos 8.1, que perderam suas casas e bens e que talvez estivessem longe de familiares e amigos”.	Explícito
3	64	Livro de Jó	“Tiago faz muitas referências ao livro de Jó de forma indireta e, nesse trecho, ele parece estar falando do próprio Jó na sua história, de quando ele perdeu tudo de uma vez só. Jó passou por vários tipos de provação: em um período muito curto de tempo, ele perdeu todos os seus bens, todos os seus servos, todos os seus filhos, além da sua saúde, da paz no casamento e do carinho dos amigos. Jó, íntegro e justo, perdeu tudo”.	Explícito
4	66	1Pedro 1.6-7	“Não é só Tiago que diz isso, Pedro faz a mesma afirmação em 1Pedro 1.6-7, escrevendo exatamente ao público para o qual Tiago escreve: ‘Nisso vocês exultam, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejam contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da fé que vocês têm, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado pelo fogo, resulte em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo’”.	Explícito

5	67-68	Abraão	“Lembre-se, por exemplo, de quando Deus provou Abraão. Deus não tinha dúvidas sobre a fé dele, mas sabe quem tinha dúvidas sobre a fé de Abraão? Abraão. Quando Deus ordenou que o patriarca sacrificasse o seu filho – e Deus sabia que ele não permitiria que isso acontecesse –, Abraão se colocou à disposição para obedecer, e Deus mostrou que ele não era mais o mesmo homem que aceitou dormir com a serva de sua esposa para tentar “ajudar” os planos de Deus. Deus revelou a Abraão a fé que o próprio Abraão talvez nem soubesse que tinha”.	Explícito
6	68	Filipenses 1.29	“É exatamente isso que lemos em Filipenses 1.29: “Pois a vocês foi dado o privilégio de, não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele”. O sofrimento não é um mal necessário, mas um privilégio que Deus nos dá para que possamos amadurecer a nossa própria”.	Explícito
7	68	Romanos 5.3-4	“Isso lembra muito a linguagem de Romanos 5.3-4: ‘E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, a perseverança produz experiência e a experiência produz esperança”.	Explícito
8	69	Antigo Testamento	“Mas essa também parece ser uma linguagem relacionada a sacrifício – perfeitos e íntegros parece uma referência aos sacrifícios do Antigo Testamento que deveriam ter essas duas características”.	Explícito
9	71	Tiago 3	“Nesse trecho, o termo “sabedoria” está relacionado ao modo de vida correto; é o que vemos, por exemplo, em Tiago 3, onde a sabedoria está atrelada a como vivemos a nossa vida”.	Explícito
10	72	História de José do Egito	“É importante que durante os dias bons nós acumulemos recursos para os dias maus. Você lembra da visão do faraó interpretada por José sobre vacas magras e vacas gordas? Se você não foi tocado pela doença ou pela miséria, agora é o tempo em que você pode se precaver e acumular sabedoria para o momento em que o sofrimento vier”.	Explícito
11	73	História de Tiago	“Tiago era um homem que entendia de oração. O Tiago líder da igreja em Jerusalém que escreve essa carta era conhecido como joelhos de camelo, segundo a literatura não bíblica do período do Novo Testamento. Ele orava tanto que seus joelhos eram marcados[...]”.	Explícito

12	76	Tiago 2	“Em Tiago 2, lemos que Deus escolheu os pobres para serem ricos na fé.”	Explícito
13	76	1Coríntios 1-3	“Em 1Coríntios 1-3, lemos que Deus escolheu os que não são nada diante do mundo para envergonhar os que são”.	Explícito
14	77	Isaías 40.6-8	“Tiago começa a referenciar Isaías 40.6-8, que diz o seguinte: “[...] Toda a humanidade é erva, e toda a sua glória é como a flor do campo. A erva seca e as flores caem, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade, o povo é erva. A erva seca e as flores caem, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre”. Tiago alude a Isaías 40 dizendo que o rico não vai permanecer, mas vai passar como uma flor e que, ainda que durante as provações o rico tenha meios para sobreviver, ele precisa se humilhar, entendendo que não vai permanecer”.	Explícito
15	77-78	Lucas 12.20	“Se a alegria dele estiver depositada no quanto ele acumula, ele é louco (“ainda hoje pedirão a sua alma” – Lc 12.20), pois para quem ficará tudo aquilo que ele acumulou?”.	Explícito
16	79	1Coríntios 10	“É o que Paulo escreve aos coríntios – que Deus não nos deixou sem ajuda, mas que ele fornece o escape em toda tentação, isto é, pecar nunca é a única opção, nunca é justificado pela dificuldade das circunstâncias, mas é sempre culpa nossa”.	Explícito
17	79	História de Caim (Gênesis 4.7)	“A tentação vem, e o que Deus disse a Caim também vale para nós: ‘O teu pecado é contra ti e cabe a ti dominá-lo’”.	Explícito
18	79-80	Mateus 15.11-18	“Há uma tentação que não vem de fora, mas de dentro, como vemos em Mateus 15.11-18, que afirma que não são circunstâncias externas que nos levam ao pecado, mas circunstâncias internas”.	Explícito
19	80-81	História de Adão e Eva (Gênesis 3)	“É interessante perceber que nós precisamos de autorresponsabilidade diante do pecado, pois ninguém persevera colocando a culpa em outra pessoa, como Adão, que culpou Eva, ou a própria Eva, que culpou a serpente.”	Explícito

20	82	Marcos 15.34	“Ele foi quem Deus enviou para sofrer por nós e ele sofreu firme no Senhor e, mesmo se sentindo abandonado por Deus na cruz (“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” – Mc 15.34), ele não desamparou Deus e entregou o seu espírito ao Senhor.”	Explícito
----	----	--------------	--	-----------

APÊNDICE B - QUADRO SOBRE OS ELEMENTOS DA INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA EM *O ESPETÁCULO DO SOFRIMENTO*

Ordem	Página do livro	Elemento intertextual	Texto do livro	Modo
1	84	Hebreus 10.32-39	“Neste capítulo, vamos nos debruçar sobre o texto de Hebreus 10.32-39. [...] É interessante que o texto final de Hebreus 10 seja sobre sofrimento, sobre períodos de provação – e era justamente o próximo sermão da série”.	Explícito
2	86	Filipenses 1.29	“Na verdade, o sofrimento é um privilégio, como lemos em Filipenses 1.29: ‘pois a vocês foi dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele’”.	Explícito
3	86	Mateus 10.21, 25	“Mateus 10.21, 25 nos diz nitidamente que o sofrimento faz parte das consequências da conversão: ‘Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai entregará o filho. Haverá filhos que se levantarão contra os seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por causa do meu nome; aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. [...] Se chamaram o dono da casa de Belzebu, quanto mais os membros da sua casa!’”.	Explícito
4	87	João 16	“João 16 diz que ‘chegará a hora em que todo aquele que os matar pensará que, com isso, está prestando culto a Deus. Isso farão porque não conhecem o Pai nem a mim’”.	Explícito
5	87	Romanos 8	“Romanos 8 diz: ‘E, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se com ele sofreremos, para que também com ele sejamos glorificados’”.	Explícito

6	87	Atos 5	“Atos 5 diz: ‘E os membros do Sinédrio concordaram com Gamaliel. Então chamaram os apóstolos e os açoitaram. E, ordenando-lhes que não falassem no nome de Jesus, soltaram-nos. E eles se retiraram do Sinédrio muito alegres por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar que Jesus é o Cristo”.	Explícito
7	89	Sofrimento de Jesus (Gólgota)	“Lembre-se de que você está no fundo do palco; os canhões de luz estão apontados para uma cruz em cima do Gólgota, onde Cristo sofreu, onde Cristo foi humilhado, onde Cristo foi insultado, onde Cristo foi maltratado”.	Explícito
8	91	1Coríntios 15	“Em 1Coríntios 15, Paulo diz que, se não existe uma esperança para além desta vida, nós somos os mais dignos de pena de todos os homens, porque nesta vida o cristianismo nos coloca nas mais difíceis situações”.	Explícito
9	91-92	Tiago 1	“Tiago 1 ordena que consideremos motivo de toda alegria passarmos por várias provações”.	Explícito
10	94	Mateus 6	“Mateus 6 indica que não devemos acumular tesouros sobre a terra, porque aqui há traças, ferrugem, ladrões; nesta terra as coisas são rápidas, curtas, frágeis.”	Explícito
11	94-95	1Coríntios 4	“Paulo afirma em 1Coríntios 4 que é por isto que ele não desanima: seu exterior se desgastava, mas o interior se renovava a cada dia (‘Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória acima de toda comparação, na medida em que não olhamos para as coisas que se veem, mas para as que não se veem, porque as coisas que se veem são temporais, mas as que não se veem são eternas’).”	Explícito
12	95	História de Paulo	“Paulo não desanimava, ele era renovado internamente porque sabia que a provação presente é leve e momentânea, que a dor de agora é curta”; “Note que Paulo não disse que essa leve e momentânea tribulação é consolada pela existência de um peso de glória”.	Explícito

13	95	Romanos 8.18	“Paulo fala “tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que há de ser revelada em nós” em Romanos 8.18”.	Explícito
14	96	Antigo Testamento	O verso 37 diz: “Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar.” Aqui, o autor da epístola cita o Antigo Testamento e o interpreta como aplicação à obra perfeita de Jesus, como aquele que vem, e vem sem demora”.	Explícito
15	96	2Pedro	“2Pedro diz que, nos últimos dias, escarnecedores zombariam, andando segundo as próprias paixões, dizendo zombeteiramente: “Onde está a promessa da sua vinda?”. E o texto diz que ele não está demorando, mas que está vindo no seu tempo e está sendo paciente para que mais eleitos se manifestem”.	Explícito
16	96-98	Habacuque 2.4	“A citação que é feita do livro de Habacuque continua, dizendo: ‘mas o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, dele a minha alma não se agrada’”; “Isso é algo maravilhoso, porque o texto de Habacuque diz ‘se ele retroceder, a minha alma não se agrada, nós, porém, não somos dos que retrocedem”.	Explícito
17	97	1Pedro 1.3-7	“Pedro diz, em 1Pedro 1.3-7: [...] A impressão que temos é de que o autor aos hebreus, no verso 38, está resumindo 1Pedro 1.3-7, em que a ideia é que nós permanecemos na fé mediante a fé”.	Explícito
18	98	Romanos 8. 31-37	“A certeza de que nada nos separará do amor de Deus faz com que possamos enfrentar a morte, a tribulação, o fogo, a espada, as alturas e as profundidades com uma força que não está disponível para aquele que teme, a cada segundo, estar apartado de Deus”.	Implícito
19	98	Ovelhas (João 10.27-28)	“Cremos que somos ovelhas que ouvem a sua voz e que os sofrimentos nunca serão dissonantes para nos confundir sobre o caminho”.	Implícito
20	99	“O Deus deles é o meu Deus” (Rute)	“É aí que o mundo vai olhar e poder dizer: ‘O Deus deles é o meu Deus”.	Explícito

APÊNDICE C - QUADRO SOBRE OS ELEMENTOS DA INTERTEXTUALIDADE CONTEXTUAL EM CINCO PASSOS NA ESTRADA DA DOR

Ordem	Página do livro	Elemento intertextual	Texto do livro	Modo
1	67	John Piper	“John Piper, o famoso pregador batista americano, diz que não acredita em aula de homilética. Segundo ele, são mil sofrimentos que vão fazer você pregar bem”.	Explícito
2	70	Viktor Frankl	“Viktor Frankl, famoso neuropsiquiatra que passou pelos campos de concentração nazistas, escreveu que o sofrimento, de certa forma, cessa de ser sofrimento quando encontra um significado”.	Explícito
3	70	Policarpo de Esmirna	“Essa certeza de que o sofrimento é motivo de alegria que muda a forma como sentimos as coisas certamente foi a experiência de Policarpo de Esmirna quando pediu para não ser amarrado durante o seu martírio. Ele deixou claro que não fugiria das chamas que queimariam sua carne. E não fugiu”.	Explícito
4	73	Paul Washer	“O pregador americano Paul Washer falou em um de seus sermões algo como: ‘Imagine se pegassem um DVD com todos os seus pensamentos e passassem para que todos vissem na praça. Depois disso, você teria coragem de sair na rua um dia?’”.	Explícito
5	74 e 80	<i>Round, nocaute e ringue</i>	“Você não vai perder essa batalha, você não vai precisar sequer ir até o último round. Estamos falando de um nocaute nas forças do inimigo”. “[...] Deus pode fazê-lo colocando você em mais situações de sofrimento e no ringue da tentação para que o fogo da dificuldade purifique você como filho de Deus”.	Explícito
6	75	“Deus mesmo dá daquilo que ele demanda”	“Há uma frase famosa no meio teológico que diz que “Deus mesmo dá daquilo que ele demanda”. Se Deus cobra de nós perseverança no sofrimento, Deus nos dá tudo que é necessário para perseverar no sofrimento”.	Explícito
7	75	Livro <i>O segredo</i>	“Aqui a fé não é aquele pensamento positivo do livro “O segredo”, da teologia da prosperidade e da teologia do coaching, mas ela está atrelada à confiança e à certeza de que Deus cuidará de você no meio do sofrimento”.	Explícito

8	78	Coroa das Olimpíadas	“O vírus pode tirar a vida terrena, mas ele não tira a vida eterna que nos é dada pelo Senhor com uma coroa – talvez como referência às coroas que os atletas ganhavam após as maratonas e corridas nas Olimpíadas”.	Explícito
9	79	Tragédia grega	“Nossas tentações vêm de nós mesmos, e Tiago monta a imagem de uma tragédia grega para representar a rendição ao pecado: uma mulher seduz um homem, eles deitam juntos e ela engravida; o bebê cresce e, então, mata o pai”.	Explícito

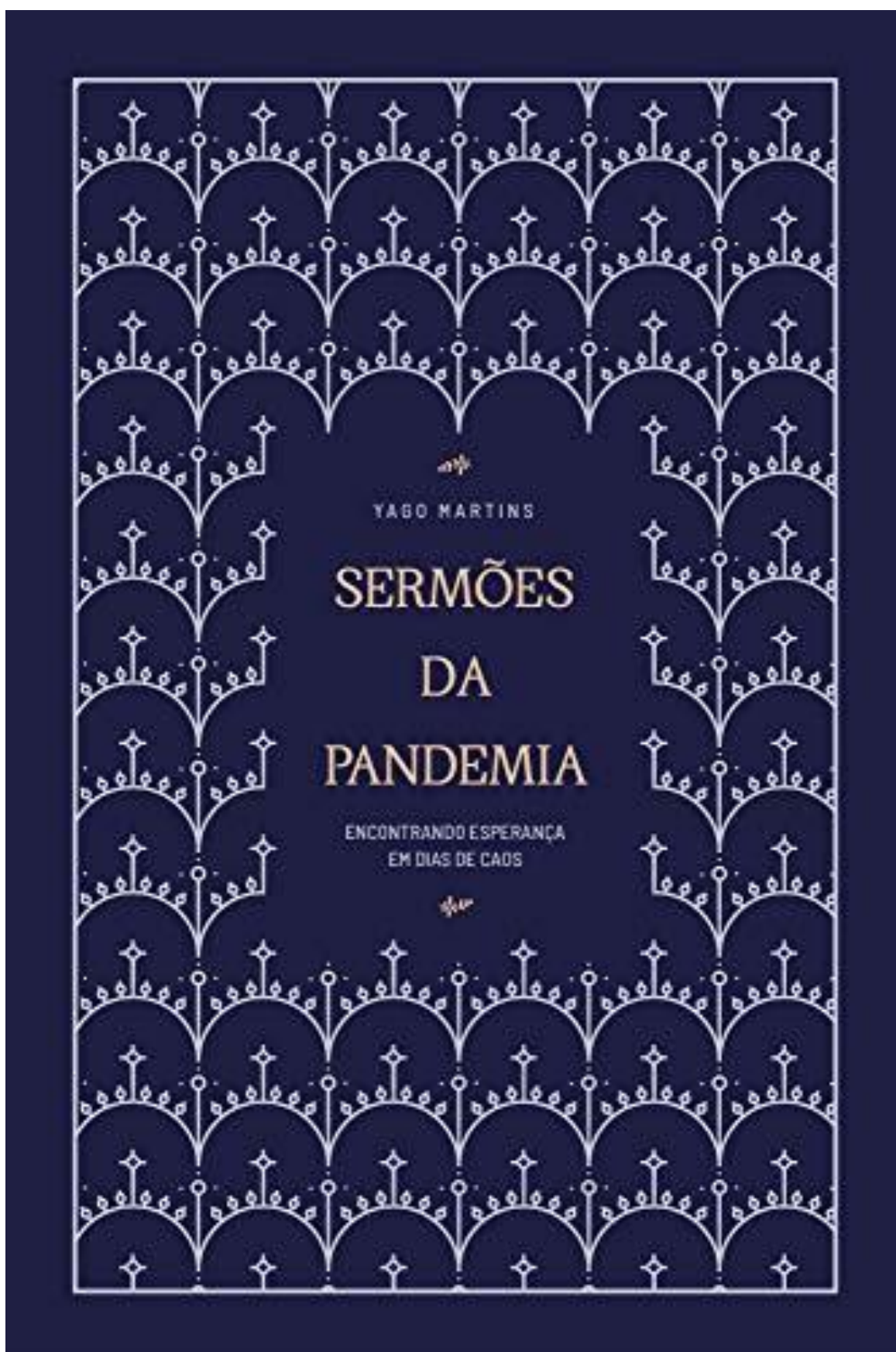
APÊNDICE D - QUADRO SOBRE OS ELEMENTOS DA INTERTEXTUALIDADE CONTEXTUAL EM *O ESPETÁCULO DO SOFRIMENTO*

Ordem	Página do livro	Elemento intertextual	Texto do livro	Modo
1	84	John Piper	“Eu encontrei um vídeo de seis minutos e 25 segundos que se chamava ‘O Evangelho em 6 minutos’, de um pregador que eu nunca tinha ouvido falar – seu nome era John Piper”.	Explícito
2	88	Teologia do <i>coaching</i>	“Isso é o extremo oposto do que é costumeiramente pregado pelos teólogos da prosperidade, pela nova teologia do coaching, por aqueles que acreditam que o cristianismo existe para fazer você se sentir bem, que a salvação existe simplesmente para te dar paz no travesseiro e a fé não passa de um antidepressivo barato”.	Explícito
3	88	Espetáculo no Coliseu	“Logo após a morte dos apóstolos, era comum que os cristãos fossem levados às arenas para serem pisoteados por feras selvagens, dilacerados por animais famintos no Coliseu enquanto o público gritava em empolgação”.	Explícito
4	90	Matéria da <i>Revista Veja</i>	“Recentemente foi publicada uma matéria na revista <i>Veja</i> acerca de padres italianos (já idosos) que morreram devido ao coronavírus porque não pararam de receber confissões dentro das suas igrejas”.	Explícito
5	91	História sobre Estado Islâmico em 2015	“Você já deve ter ouvido esta história, pois ela ficou muito famosa em todo o mundo: em 2015, o Estado Islâmico sequestrou e decapitou 21 cristãos coptas [...]”.	Explícito

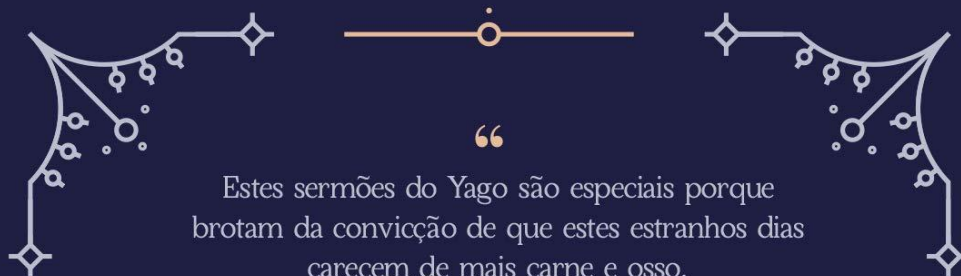
6	93	“sempre renascemos das cinzas”	“Sabemos que sempre renascemos das cinzas, é por isso que guardamos um sorriso para o fim – porque há um Deus que nos mantém durante todas as situações”.	Explícito
7	98	A doutrina da perseverança dos santos	“A doutrina da perseverança dos santos dá uma injeção de ânimo contra as tentações do pecado”.	Explícito
8	98-99	Contexto de martírio	“Nós louvamos a Deus pela bênção da paz, nós oramos para que Deus nos dê cada vez mais paz, mas nós não desaprendemos a ser mártires, porque o martírio vem, seja na morte diária para este mundo, nas pequenas perseguições que ainda sofremos, nas dores que escolhemos pelo reino de Deus ou em enfrentarmos pandemias mundiais e crises econômicas. O fato é que o martírio vem, e não podemos esquecer como sofrer em nome de Jesus”.	Explícito

ANEXOS

ANEXO A - CAPA DA FRENTE DO LIVRO



ANEXO B - CAPA DO VERSO DO LIVRO



“

Estes sermões do Yago são especiais porque brotam da convicção de que estes estranhos dias carecem de mais carne e osso.

TIAGO CAVACO

Pastor da Igreja da Lapa em Lisboa, Portugal

“

Os oito sermões aqui escritos falam de dor, separação, luto, tragédia, caos, vírus e morte. Todos esses temas, porém, servem apenas como instrumentos empregados para realçar força, união, alegria, restauração, harmonia, cura e vida. Momentos de peste e pandemia pedem bons sermões que comuniquem esperança em dias de caos. Somos muito felizes por contar com estes sermões da pandemia, de modo a termos esperança em dias de caos.

JOÃO GUILHERME ANJOS

Editor

“

Se eu puder ajudá-lo a lembrar que nenhum de nós pode sair daqui achando que sofreu o suficiente para ser salvo, então estes sermões fizeram o trabalho para o qual foram designados. Membros de nossa igreja foram infectados pela doença e alguns lidaram com a perda de entes queridos, mas apenas Jesus sofreu o bastante, e é de seu sofrimento que procede o bálsamo para nossos corações.

YAGO MARTINS



 **DOIS DEDOS
DE TEOLOGIA**

